

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Sara da Conceição Costa Ribeiro

**A Documentação Pedagógica no Trabalho de
Projeto: relato de uma experiência em
contexto de jardim-de-infância**

abril de 2015



Universidade do Minho

Instituto de Educação

Sara da Conceição Costa Ribeiro

**A Documentação Pedagógica no Trabalho de
Projeto: relato de uma experiência em
contexto de jardim-de-infância**

Relatório de Estágio

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo
do Ensino Básico

Trabalho realizado sob a orientação da

Doutora Cristina Parente

abril de 2015

DECLARAÇÃO

Nome: Sara da Conceição Costa Ribeiro

Endereço electrónico: sarah_ribeiruh@hotmail.com

Número do Bilhete de Identidade:14135940

Título do Relatório de Estágio: A Documentação Pedagógica no Trabalho de Projeto: relato de uma experiência em contexto de jardim-de-infância

Orientador(es): Doutora Cristina Parente

Ano de conclusão: 2015

Designação do Mestrado: Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

1. É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, 30 de abril, de 2015

Assinatura: _____

Agradecimentos

Ao longo de todo o meu percurso académico foram várias as pessoas que me acompanharam e me ajudaram a seguir em frente, atrás dos meus sonhos, a desenvolver e a construir um trabalho reflexivo e completo. Como tal, é importante agradecer todo o apoio e contributo que me deram, de tal forma não as poderia deixar de mencionar com muito amor, carinho e respeito.

Agradeço a todas as pessoas que estão presentes na minha vida, que me completam e me são queridas, aos meus pais, à minha irmã e familiares, ao meu namorado, aos meus amigos por estarem sempre ao pé de mim e nunca me deixarem desistir dos meus sonhos, apoiando-me de forma incondicional neste meu longo percurso.

Um agradecimento a todos os docentes que fizeram parte deste meu percurso, por me ajudarem a construir e a desenvolver conhecimentos relativos à educação de forma a me tornar numa profissional melhor.

Um especial agradecimento à Doutora Cristina Parente por me escutar e orientar num sentido mais correto, por toda atenção, dedicação e disponibilidade, acima de tudo por todo o apoio prestado que contribui para o meu crescimento enquanto profissional da educação.

Também gostava de agradecer à educadora Alexandra Costa por todo o apoio, colaboração, partilha, abertura, disponibilidade e orientação no sentido de me tornar um ser atento, crítico, construtivo e reflexivo junto das crianças, de forma a melhorar as minhas práticas. Agradeço ainda às auxiliares Cristina Gonçalves e Conceição Marques pela ajuda e apoio nas concretizações das atividades e por partilharem comigo as experiências vivenciadas.

Um enorme e especialíssimo agradecimento a todas as crianças que fizeram parte desta minha caminhada, que me ajudaram a construir conhecimentos mais significativos, pois é junto delas que nos sentimos bem e realizados. Obrigada pelo vosso carinho, dedicação, empenho, todos os vossos afetos que me encheram o coração. Foram e são fantásticas nunca me vou esquecer de vocês e o que desenvolvemos e construímos juntas. Um grande e amoroso abraço para todos vocês.

Resumo

Ao longo deste relatório são mencionados princípios e conceitos relativamente à profissão na educação, com um destaque para a documentação pedagógica na metodologia de trabalho de projeto. Todos estes conceitos são sustentados teoricamente por pedagogos importantes na “história” da educação, mais precisamente em Dewey e Kilpatrick e nas pedagogias participativas, em que a criança assume um papel relevante e ativo nas suas aprendizagens.

As crianças são seres ativos, construtores e dinâmicos, estão sempre disponíveis para um bom desafio e para colocarem questões, ou seja, têm interesse em aprender e em construir conhecimentos. Nós, enquanto futuros profissionais, queremos-lhes proporcionar diversos momentos de aprendizagem que tenham em conta os seus interesses para que possam construir aprendizagens significativas e relevantes para toda a vida.

Neste relatório foi desenvolvido um projeto de intervenção pedagógica que envolveu o desenvolvimento de um trabalho de projeto com as crianças de uma sala de jardim-de-infância. Este projeto foi de encontro aos interesses e necessidades das crianças de forma a tornar visível a ação delas na construção de aprendizagens significativas. Salienta-se ainda, o papel ativo e crítico da criança, a integração e a motivação nas atividades, dando sempre a sua opinião nas diferentes fases do trabalho de projeto.

Todo este trabalho foi desenvolvido segundo a metodologia de investigação-ação, onde a pesquisa e a investigação prevaleceram com a intenção de melhorar a prática e o processo de ensino-aprendizagem, através das várias reflexões realizadas, de forma consciente, informada e continua sobre as minhas ações. Esta metodologia permite que sejamos profissionais mais atentos, informados e reflexivos nas nossas práticas pedagógicas e, nessa medida mais capazes de criar oportunidades para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.

Abstract

Throughout this report are mentioned principles and concepts relatively the profession in education, with an emphasis on pedagogical documentation in project work methodology. All these concepts are theoretically sustained by important educators in the "history" of education, more precisely in Dewey and Kilpatrick and the participatory pedagogies, in which the child plays an important and active role in their learning.

Children are active beings, builders and dynamic are always available for a good challenge and ask questions, they has interested in learning and building knowledge. We, as future professionals, we want them to providing many learning moments that take into account their interests so they can build meaningful and relevant learning for life.

In this report we developed an educational intervention project involving the development of a project working with children in a kindergarten, childhood room. This project was to find the interests and needs of children in order to make visible the action of them in the construction of meaningful learning. Noted yet the active and critical role of the child, integration and motivation in activities, always giving his opinion on the different phases of project work.

All this work was developed according to the methodology of investigation-action, where research and research prevailed with the intention of improving the practice and the process of teaching and learning, through the various reflections made, consciously, informed and continues on my actions. This methodology allows us to be more aware, informed and reflective practitioners in our teaching practices and, thus better able to create opportunities for learning and development of children.

Índice	
Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Índice de Figuras	xi
Índice de Tabelas e Gráficos	xiii
Introdução.....	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico	5
1.1- Impulsionadores da Metodologia de Trabalho de Projeto	7
1.1.1 - John Dewey.....	7
1.1.2 – William Kilpatrick	8
1.2 - Pedagogias Transmissivas	9
1.3 - Pedagogias Participativas.....	10
1.4 - Metodologia de Trabalho de Projeto	12
1.4.1 – Documentação Pedagógica – relevância e contributos	14
Capítulo II – Metodologia de Investigação	17
2.1 – Investigação-Ação	19
Capítulo III – Intervenção Pedagógica	21
3.1 – Caracterização do Contexto/Instituição	23
3.2 – Caraterização do Grupo	24
3.3 – Ambiente Físico de Aprendizagem	25
3.4 – Rotina Diária.....	29
Capítulo IV – O Projeto de Intervenção Pedagógica.....	31
4.1 – Fase I – Planeamento e Arranque do Projeto.....	33
- Como Surgiu?	33
4.2 – Fase II – Desenvolvimento do Projeto	36
4.3 – Fase III – Reflexões e Conclusões.....	63
Capítulo V – Avaliação do Projeto de Intervenção Pedagógica.....	71
Capítulo VI – Considerações Finais.....	77
Referências Bibliográficas	83

Anexos.....	89
Anexo I - Rotina Diária	91
Anexo II - Planificação da 1ª fase do Projeto com as respostas/sugestões das crianças.....	92
Anexo III – Inquérito realizado pelas crianças para os pais	93
Anexo IV – Tabela – Contagem dos dados	94
Anexo V – Exploração do livro “O Livro”	95
Anexo VI – Criação da história “O Peixinho”	96
Anexo VII – Criação da História do Projeto	98

Índice de Figuras

Figura 1 – Área das Construções.....	24
Figura 2 – Área da Pista.....	24
Figura 3 – Área da Biblioteca.....	24
Figura 4 – Área de Expressão Plástica.....	25
Figura 5 – Área do Computador.....	25
Figura 6 – Área da Cozinha.....	25
Figura 7 – Área do Quarto.....	26
Figura 8 – Área dos Jogos.....	26
Figura 9 – Área Exterior.....	27
Figura 10 à 11– Exploração dos livros.....	34
Figura 12 – Formar conjuntos.....	35
Figura 13 – Agrupas e contar os livros.....	35
Figura 14 à 19 – Registo das Crianças.....	36/37
Figura 20 – Surgem as questões para os pais.....	37
Figura 21 – Discussão e seleção das perguntas.....	37
Figura 22 – Espera do autocarro.....	39
Figura 23 – Chegada à gráfica.....	39
Figura 24 – Explicação inicial.....	39
Figura 25 – Fazem-se etiquetas, livros e caixas.....	39
Figura 26 – Continuação da visita.....	39
Figura 27 – Final da visita.....	39
Figura 28 – Registo do João Pedro Silva.....	41
Figura 29 – Registo do Pedro Silva.....	41
Figura 30 – Registo do Sandro.....	41
Figura 31 – Registo do Francisco Dinis.....	41
Figura 32 – Registo da Leonor Duarte.....	41
Figura 33 – Exposição dos registos da visita.....	41
Figura 34 – Contagem dos dados.....	46

Figura 35 à 36 – Construção do gráfico.....	46/47
Figura 37 – Gráfico terminado.....	47
Figura 38 – Exposição dos gráficos de barras.....	47
Figura 39 – Exploração do livro.....	48
Figura 40 – Chegada à biblioteca.....	49
Figura 41 – Organização da biblioteca.....	49
Figura 42 – Visualização de livros.....	49
Figura 43 – Exploração dos livros.....	49
Figura 44 – Leitura da história.....	50
Figura 45 à 48 – Registo da visita à biblioteca.....	52
Figura 49 – Exposição dos registos.....	52
Figura 50 – Exploração do título, escritor, ilustrador e editora.....	53
Figura 51 – Identificação do título.....	53
Figura 52 – Exploração da capa do livro “João e o Pé de Feijão”	53
Figura 53 – Exploração do livro.....	54
Figura 54 – Atividade do feijoeiro mágico.....	54
Figura 55 – Colocar os feijões e o algodão.....	54
Figura 56 – Construção da história.....	55
Figura 57 – Ilustração da história.....	55
Figura 58 – Escolha e escrita do título.....	55
Figura 59 – Ilustração da capa.....	55
Figura 60 – Livro finalizado.....	56
Figura 61 – Livros concluídos.....	56
Figura 62 – Exposição dos livros.....	56
Figura 63 – Conto redondo – História coletiva.....	57
Figura 64 à 65 – Ilustração da história “O Peixinho”	58
Figura 66 à 67 – Construção da capa do livro “O Peixinho”	58
Figura 68 – Construção e finalização da ilustração da capa do livro “O Peixinho”	58
Figura 69 – Pintura do cartão com as mãos e das imagens da história.....	59

Figura 70 – Pintura e colagem das imagens e do texto da história.....	59
Figura 71 – Finalização da história “A Galinha Ruiva”	59
Figura 72 – Exploração do livro “A Galinha Ruiva”	60
Figura 73 à 74 – Exploração do livro “O Peixinho”	60
Figura 75 à 76 – Registo das aprendizagens.....	61
Figura 77 – Exploração e colagem das imagens.....	66
Figura 78 – Construção dos fantoches.....	66
Figura 79 – Finalização dos fantoches e ensaio da história do projeto.....	67
Figura 80 à 81 – Apresentação final.....	67

Índice de Tabelas e Gráficos

Tabela 1 - Registos da visita à gráfica de cada criança.....	41
Tabela 2 - Algumas descrições e aprendizagens das crianças com a visita à biblioteca.....	50
Tabela 3 – Alguns registos sobre o que as crianças aprenderam com o projeto “Como Construir um Livro?”	62
Gráfico 1 – Respostas dos pais à questão: Como é que se fazem os livros?	44
Gráfico 2 – Respostas dos pais à questão: Onde se compram as capas grossas dos livros? ...	44
Gráfico 3 – Respostas dos pais à questão: Quem faz as letras e as imagens dos livros?	45
Gráfico 4 – Por preencher (as crianças vão completá-lo)	46

Introdução

Introdução

O Relatório de Estágio presente surge no âmbito da unidade curricular, *Prática de Ensino Supervisionada I* no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Este visa o processo de apresentação do projeto de intervenção pedagógica desenvolvido, bem como a reflexão e avaliação do mesmo sustentado e baseado nos referenciais teóricos que sustentaram a intervenção pedagógica.

Enquanto futuros profissionais da educação devemos ter consciência da importância de práticas investigativas, participativas e reflexivas para que possamos avaliar, de forma criteriosa o nosso desempenho para melhorar e adotar novas estratégias e metodologias de ensino-aprendizagem junto das nossas crianças, pois são elas que estão no centro da nossa ação, “a ação deve ser inteligente e refletida, e o pensamento deve ocupar uma posição central na vida” (Dewey, 2008, p.130).

Desta forma, a abordagem de investigação-ação esteve presente ao longo de toda a prática de intervenção pedagógica com o grupo de crianças da sala dos 3 anos de idade. Após, uma observação participativa e atenta percebi quais os interesses e necessidades das crianças deste grupo, planifiquei atividades livres e outras direcionadas ao tema escolhido para este relatório. Como o grande desafio seria “trabalhar” em metodologia de trabalho de projeto, onde as crianças têm um papel crítico, ativo e construtivo nas suas aprendizagens com o auxílio do adulto, achei interessante procurar conhecer e compreender melhor uma das componentes da metodologia de trabalho de projeto, a “documentação pedagógica”, pois utilizamo-la frequentemente quando registamos e depois analisamos o que as crianças dizem e fazem, “... a documentação pedagógica nos permite assumir a responsabilidade pela construção dos nossos significados e chegar às nossas próprias decisões sobre o que está acontecendo.” (Dahlberg, Moss & Pence, p.191).

Contudo, penso que é um tema desafiador e crucial para a nossa prática pedagógica, pois através deste podemos tornar profissionais mais capazes, ativos e reflexivos, capazes de proporcionar, assim, oportunidades de aprendizagens mais significativas para as crianças, “a auto reflexividade é algo que tem um papel importante a desempenhar na prática pedagógica.” (Dahlberg, Moss & Pence, p.190).

Este relatório apresenta o trabalho projeto realizado com as crianças, com destaque para a documentação pedagógica realizada e a sua relevância para o desenvolvimento do mesmo.

É de salientar que a documentação está inserida no meio escolar de diversas formas, por exemplo, nos registos que estão expostos na sala de aula ou até mesmo na instituição, quer escritos, quer fotográficos, quer os próprios trabalhos das crianças. Desta forma, há um relacionamento mais próximo entre a comunidade escolar, crianças, educadores, adultos, pais, etc. Assim, a documentação pedagógica é utilizada para fortalecer laços afetivos e reflexivos entre pares, “usar a documentação pedagógica como um instrumento para a reflexão sobre a prática pedagógica e como um meio para a construção de um relacionamento ético com nós mesmo, com o Outro e com o mundo” (Dahlberg, Moss & Pence, p.190).

Assim, este relatório está estruturado por capítulos, no primeiro faço um enquadramento teórico segundo alguns autores, pois sabe-se que a teoria sustenta a nossa ação prática e esta é fundamental para as nossas aprendizagens e reflexões enquanto profissionais da educação. O segundo capítulo faz alusão à metodologia de investigação adotada, a metodologia de investigação-ação, pois qualquer profissional quer proporcionar às crianças momentos de aprendizagens significativas e melhorar cada vez mais as suas práticas refletindo sobre as suas ações de forma consciente e informada.

O capítulo terceiro está intimamente ligado ao contexto e ao seu ambiente físico de aprendizagem, pois temos de conhecer o contexto e o que ele proporciona às crianças para sabermos como agir perante as inúmeras situações que podem emergir.

Posto isto, é importante descrever e refletir sobre a intervenção pedagógica ou partes dela e as suas fases para que seja de fácil compreensão todo o trabalho desenvolvido com as crianças. Este processo tornou-se completo e dinâmico devido à interação e construção de aprendizagens das crianças com os adultos, à reflexão e avaliação constante do mesmo de modo a proporcionar diferentes e diversos momentos de ensino-aprendizagem.

Por último, são apresentados dois capítulos sobre a avaliação do projeto de intervenção pedagógica e as considerações finais relevantes à melhoria de uma construção pedagógica e metodológica de todo o projeto desenvolvido.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

Capítulo I – Enquadramento Teórico

1.1- Impulsionadores da Metodologia de Trabalho de Projeto

1.1.1 - John Dewey

John Dewey foi um filósofo, pedagogo, professor norte americano, defendia a democracia e a liberdade de pensamento como instrumentos fundamentais na educação da criança ao nível emocional, racional e intelectual. Para Dewey a criança deve ser educada como um todo, isto é, desenvolver-se e crescer fisicamente, emocionalmente e intelectualmente, como refere em “Vida e Educação” (1978, p.17),

Educar-se é crescer, não já no sentido puramente fisiológico, mas no sentido espiritual, no sentido humano, no sentido de uma vida cada vez mais larga, mais rica e mais bela, em um mundo cada vez mais adaptado, mais propício, mais benfazejo para o homem.

Assim, valorizar a capacidade de pensamento das crianças, prepará-las para questionar a realidade, aliar a teoria à prática problematizando e resolver problemas são concepções subjacentes aos princípios e ideais de John Dewey. Estimular a criança a aprender através das suas ações e dos seus pensamentos originam “situações” de aprendizagens significativas e funcionais, onde a criança poderá colocar em prática futuramente o que construiu, adquiriu e desenvolveu, pois esteve intimamente ligada a experiências que foi vivenciando. Dewey reforça a ideia de que os primeiros anos de ensino são fulcrais para colocar em prática situações e experiências de ensino-aprendizagem (2002, p.110)

O problema característico dos primeiros anos de escolaridade é, evidentemente, o de aproveitar os impulsos naturais e os instintos da criança e utilizá-los de forma a conduzi-los para um plano mais elevado de percepção e raciocínio, equipada com hábitos mais eficazes; que ela tenha uma consciência mais aprofundada e alargada e um maior controlo sobre os poderes da acção. Sempre que este resultado não seja alcançado, a actividade resulta numa mera distracção e não num desenvolvimento educativo.

A experiência educativa é, para Dewey, reflexiva, ou seja, o pensamento está presente nas inúmeras situações de experimentação da criança, em que a atividade a ser desenvolvida/experimentada seja do interesse da mesma, que exista um problema a resolver, onde possa testar e codificar as suas ideias, resultando desta forma, em novos conhecimentos.

Deste modo, reflexão e ação devem estar intimamente ligadas, pois fazem parte de um todo indivisível. A experiência alarga, (...) os conhecimentos, enriquece o nosso espírito e dá, dia a dia, significação mais profunda à vida.” (Dewey, 1978, p.27).

Cunha (2002, p.19-20) salienta ainda,

(...) o pensamento e a ação devem formar um todo indivisível, o que implica tratar qualquer formulação teórica como hipótese ativa que carece de demonstração em situação prática de vida; as constantes transformações sociais fazem com que a realidade não constitua um sistema acabado e imutável; a inteligência garante ao homem capacidade para alterar as condições de sua própria experiência. Para os pragmatistas, o terreno em que se dá a transmissão do conhecimento, particularmente a escola, pode tornar-se um campo fértil de experimentação de teses filosóficas.

Assim, a “educação é o processo pelo qual a criança cresce, desenvolve-se, amadurece” (Dewey, 1978, p.21), isto é, ao longo deste processo experiencia várias vivências e constrói inúmeras aprendizagens que faz com que a criança se torne mais ativa e dinâmica no seu dia-a-dia.

1.1.2 – William Kilpatrick

William Kilpatrick tal como John Dewey foi um pedagogo importante na pedagogia progressista e reconhecido no âmbito do desenvolvimento do método de projetos.

Kilpatrick defendia que as crianças devem construir aprendizagens através das atividades e projetos que desenvolvem de modo integrado e globalizado, isto é, de forma a integrar todas as áreas curriculares. Desta forma, as crianças sentem-se motivadas e interessadas em saber e aprender cada vez mais, por exemplo se estão a desenvolver um projeto sobre um determinado animal, podem descobrir e investigar vários aspetos sobre ele, englobando diferentes áreas do currículo.

“O método de projetos tem, como ideia principal, partir de uma situação problema, conciliar teoria e prática em uma investigação e realizar um produto final, concebendo, nesse caminho, papel ativo aos alunos.” (Bin, 2012, p.17). Desta forma, as crianças devem perspetivar, planificar, executar e avaliar um projeto sempre que possível de livre vontade, com uma intensão real, com o auxílio e orientação do adulto (educador/professor).

Para Kilpatrick a educação ocupa um lugar de destaque, no crescimento das crianças, no entanto, é muito abstrata e ampla, pois “educação é vida – tão fácil de dizer, tão difícil de delimitar” (Kilpatrick, 2006, p.12). A educação deve ser “considerada parte da própria vida e não como uma mera preparação para a vida.” (Kilpatrick, 2006, p.15), a criança deve estar integrada e inserida no meio escolar e social para que possa tomar posições de forma atenta e crítica, complementando a sua ação no seu dia-a-dia.

“Guiar o aluno nos seus interesses e realizações presentes para outros interesses e realizações maiores e exigidos pela vida social mais vasta do mundo dos mais velhos é o especial dever e a oportunidade do professor” (Kilpatrick, 2006, p.22) para assim tornar “melhores cidadãos, atentos, capazes, de pensar e agir, demasiado inteligentemente críticos (...) auto-confiantes, rápidos na adaptação às condições sociais mais iminentes.” (Kilpatrick, 2006, p.28).

Em forma de conclusão, as aprendizagens das crianças tornam-se mais significativas quando se envolvem intencionalmente nas atividades ou projetos que constroem e desenvolvem individualmente ou em grupo com a supervisão e mediação do adulto, “Sob adequada orientação, intenção implica eficiência, não só no sentido de alcançar o fim visado pela actividade imediatamente à mão, mas, ainda mais, no de assegurar a aprendizagem potencial que a actividade contém.” (Kilpatrick, 2006, p.29).

1.2 - Pedagogias Transmissivas

A pedagogia da transmissão, como o próprio nome indica, está direccionada a transmitir algo ou alguma coisa, a debitar e a deliberar saberes e poderes, ocupados e centrados nos educadores. É uma pedagogia, segundo Oliveira-Formosinho, (2007, p.18),

(...) que se centra na lógica dos saberes, no conhecimento que quer veicular, resolve a complexidade através da escolha unidirecional dos saberes a transmitir e da delimitação do modo e dos tempos para fazer essa transmissão, tornando neutras as dimensões que contextualizam esse acto de transmitir.

Esta pedagogia é muito direccionada para a aquisição de capacidades pré-académicas, em acelerar as aprendizagens e compensar os “deficits” de forma, que a criança discrimine estímulos exteriores, evite erros e corrija esses mesmos erros. Pode-se assim dizer que é um método centrado no educador/professor, na transmissão de

saberes e nos produtos, o que realmente interesse é “ver” o resultado final e não o que a criança desenvolveu e construiu, se foi um ser participativo, crítico, autónomo e livre na sua escolha e nos seus pensamentos. (Oliveira-Formosinho, 2007, p.19)

Uma vez que, esta pedagogia é centrada no educador e nos produtos, a avaliação reflete isso mesmo, é uma avaliação centrada nos produtos e na comparação das realizações individuais com a norma, isto é, existe um padrão pré-estabelecido em que todas as crianças devem respeitar, pois se isso não acontecer é porque não alcançaram os objetivos pretendidos.

Desta forma, o educador assume uma postura determinada, pois é ele quem faz o diagnóstico, prescreve os objetivos e tarefas para as crianças, dá as informações necessárias, molda e reforça as situações que vão emergindo e avalia os produtos criteriosamente, normalmente, tudo isto acontece em grande grupo. Com esta pedagogia não existe trabalho individual, nem em pequenos grupos, todas as crianças “aprendem” ao mesmo tempo e não há tempo para uma interação afetuosa e participativa com o educador. (Oliveira-Formosinho, 2007, p.19-20)

1.3 - Pedagogias Participativas

As pedagogias participativas são alternativas à pedagogia tradicional - pedagogia da transmissão, cujos métodos realçam a aprendizagem das crianças pela descoberta, resolução de problemas e investigação. Esta pedagogia centra-se na criança como um ser ativo e participativo, onde promove o desenvolvimento das crianças, o envolvimento no processo de aprendizagem e a construção das aprendizagens das mesmas. Todo este processo faz com que as crianças questionem, planifiquem, experimentem e confirmem as hipóteses, investiguem, cooperem com os outros e resolvam problemas ativamente. “A imagem da criança é a de um ser competente que participa com liberdade, agência, inteligência e sensibilidade. A motivação para a aprendizagem sustenta-se no interesse intrínseco da tarefa e nas motivações intrínsecas das crianças.” (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2011, p.100).

Para alguns autores como Dewey, Piaget, Freinet, Malaguzzi, Paulo Freire e Sérgio Niza a criança nesta pedagogia é vista como ativa, participativa, interativa, construtora de conhecimento, cooperativa, criativa e inovadora em todas as atividades e projetos que desenvolvem e constroem no seu dia-a-dia.

Neste sentido, cabe ao educador escutar e observar atentamente as crianças, planificar atividades do interesse e necessidade das mesmas, avaliar, formular perguntas e investigar para que as aprendizagens sejam significativas e possam ser exploradas e direcionadas ao longo do tempo em benefício dos conhecimentos e interesses culturais. Assim, segundo James e Prout (1990, p.6, citados por Oliveira-Formosinho, 2008, p.16),

As crianças deverão ser percebidas como ativamente envolvidas na construção das suas vidas sociais, das vidas daqueles que as rodeiam e das sociedades em que vivem. Elas não podem continuar a ser simplesmente consideradas como sujeitos passivos de determinações estruturadas.

A avaliação na pedagogia da participação é centrada nos processos, interessada nos produtos e nos erros, na criança individual, no grupo e reflexiva das aquisições e realizações construídas pelas crianças. Esta avaliação vai de encontro com o processo de aprendizagem das crianças, este é observável nos jogos livres e atividades espontâneas, num jogo educacional, na construção ativa da realidade física e social, nas tarefas de grupo, nas produções e realizações, em inúmeros e diferentes contextos em que as crianças estão inseridas.

Esta pedagogia aponta ainda a necessidade de uma sala de aula/de atividades de acordo com os interesses e necessidades da crianças, necessidades essas, fisiológicas, emocionais e intelectuais, pois a criança deve construir e desenvolver aprendizagens nas diferentes áreas e domínios.

Desta forma, Oliveira-Formosinho (2007, p.17) destaca a importância desta pedagogia e dos contextos onde as crianças se inserem,

Uma pedagogia centrada numa práxis de participação procura responder à complexidade da sociedade e das comunidades, do conhecimento, das crianças e suas famílias, com um processo interactivo de diálogo e confronto entre crenças e saberes, entre saberes e práticas, entre práticas e crenças, e entre estes pólos em interacção e os contextos envolventes.

A participação nesta pedagogia fomenta uma boa relação e interação entre educador e crianças e entre as próprias crianças, pois é necessário escutar as vozes das crianças, dialogar com elas sobre as necessidades das mesma e ainda encontrar a melhor solução ou caminho a adotar através da negociação. “A participação implica a escuta, o diálogo e a negociação, o que representa um importante elemento de complexidade deste modo pedagógico.” (Oliveira-Formosinho, 2007, p.21)

Em suma, “A pedagogia da participação centra-se nos actores que constroem o conhecimento para que participem progressivamente, através do processo educativo, na (s) cultura (s) que os constituem como seres sócio-histórico-culturais.” (Oliveira-Formosinho, 2007, p.21)

1.4 - Metodologia de Trabalho de Projeto

A palavra projeto é usada diversas vezes na vida das pessoas para exprimir desejos pessoais ou coletivos. Desta forma, “a palavra “projeto” está ligada à de previsão de algo que se pretende realizar” (Silva, 1998, p.91), algo que pretendemos alcançar no futuro a curto ou a longo prazo, “mesmo quando não há um projecto expresso, projectamos a cada momento aquilo que somos naquilo em que nos queremos tornar” (Kohn, 1982). Desta forma, um projeto é essencial na formação das crianças, nomeadamente, na educação de infância, pois enquanto indivíduos de uma sociedade questionam-se e geram dúvidas sobre tudo que as rodeiam. Outrossim, um projeto deve ter um ponto de partida, um problema onde queremos encontrar repostas e quais os resultados que queremos atingir com esse mesmo projeto. Por isso, o projeto centra-se no desenvolvimento de um processo que se vai construindo de forma gradual, ou seja, deve ser flexível e aberto para que seja adaptado conforme as necessidades dos intervenientes, num determinado contexto específico de desenvolvimento, isto é, situado num determinado tempo e espaço. A todo este processo que podemos alterar, desenvolver, corrigir e dinamizar designamos de metodologia de projeto (Silva, 1998).

Segundo Vasconcelos (1998) abordar pedagogia de projeto no jardim-de-infância ou noutro nível de ensino é falar numa abordagem pedagógica centrada em problemas. Assim qualquer situação do quotidiano pode originar um projeto, Katz e Chard consideram que um projeto é “um estudo em profundidade de um determinado tema” (1989, p.2) a ser estudado e desenvolvido por um grupo de crianças, pois, normalmente, este estudo é do interesse das mesmas (Vasconcelos, 1998, p.131).

Segundo Leite, Malpique e Santos (1989),

o trabalho de projeto é uma metodologia assumida em grupo que pressupõe uma grande implicação de todos os participantes. Envolve trabalho de pesquisa no terreno, tempos de planificação e intervenção com a finalidade de responder a

problemas encontrados, problemas considerados de interesse pelo grupo e com enfoque social.

“Kilpatrick (1918), um dos primeiros promotores do então apelidado “Método de Projectos”, considera que a sua essência é a actividade com um fim, com uma intenção globalizante.” (citado por Vasconcelos, 1998, p.131).

Com a implementação desta metodologia de trabalho o processo de ensino-aprendizagem torna-se mais rico e dinâmico, pois há uma grande partilha de ideias e experiências e vivências onde todas as crianças colaboram para construírem mais conhecimentos sobre um determinado assunto. Cabe ao educador facilitar e mediar o processo de construção de aprendizagem através das interações com as crianças.

A pedagogia de projeto prevê a criança como um ser capaz e competente de investigar, fazer pesquisas e resolver problemas. Esta abordagem centra-se e respeita as crianças, confiando nas capacidades que têm e que podem vir a desenvolver com todo este processo e esta metodologia de trabalho. “Pressupõe uma criança que possa ser cada vez mais autónoma e capaz de gerir o seu próprio processo de aprendizagem.” (Vasconcelos, 1998, p.133).

Esta abordagem projeta a criança como um ser “inteligente”, racional e dinâmico que consegue dar resposta aos problemas e curiosidades que surgem ao longo da sua vida, podendo assim construir aprendizagens significativas. “Encoraja-a a colocar questões, resolver situações problemáticas e “aumentar a sua consciência de fenómenos significativos à sua volta”. (Vasconcelos, 1998, p.133).

John Dewey e Kilpatrick foram os pioneiros desta metodologia de trabalho onde sublinhavam que a criança deveria ser o centro de todo o processo, isto é, tudo o que fosse realizado/descoberto deveria partir das crianças e ser do total interesse das mesmas para que pudessem construir aprendizagens significativas e se tornassem pessoas mais ativas, autónomas e dinâmicas na sua vida.

Segundo Kilpatrick todos os projetos desenvolvidos com as crianças necessitam de passar por diferentes fases, definição da problemática/problema, planificação, execução e avaliação/divulgação. Estas fases interligam-se e nunca devem ser separadas, pois têm muito significado para as crianças na construção dos seus conhecimentos.

Contudo, é de salientar a metodologia de trabalho de projeto é um processo bastante reflexivo, quer por parte dos adultos, quer pelas crianças, pois com o decorrer do mesmo o grupo reflete e “analisa” todo o trabalho que está a ser desenvolvido, com as produções e pesquisas que realizam e com as respostas que vão emergindo. A pedagogia de projeto é acessível à reformulação de qualquer questão, e isto acontece, porque se reflete constantemente nas aprendizagens que vamos alcançando e construindo.

A documentação pedagógica favorece o processo de reflexão subjacente à metodologia de projeto. Assim importa salientar a “documentação pedagógica como um instrumento vital para a criação de uma prática pedagógica reflexiva e democrática ... que tem um papel fundamental no discurso da construção de significado.” (Dahlberg, Moss & Pence, 2003, p.190).

1.4.1 – Documentação Pedagógica – relevância e contributos

A documentação pedagógica é, na maior parte das vezes, confundida com a “observação da criança”. No entanto estes dois conceitos são distintos, a “observação da criança” consiste em avaliar o desenvolvimento psicológico em relação a categorias já predefinidas da psicologia do desenvolvimento (Dahlberg, Moss & Pence, 2003, p.191). A documentação pedagógica focaliza-se no que a criança é capaz de fazer sem normas ou regras estabelecidas pela psicologia e no trabalho pedagógico que desenvolve.

Assim a documentação pedagógica é um processo que resulta do que observamos e, posteriormente, documentamos. Alguns autores defendem que nem sempre o que documentamos é uma realidade verdadeira, visto que cada pessoa faz interpretações diferentes do que vê. No entanto, existe uma escolha para o que documentamos, ou seja, há sempre uma razão e uma relação que construímos para as nossas escolhas. “Em suma, nós co-construímos e co-produzimos a documentação como sujeitos e participantes ativos.” (Dahlberg, Moss & Pence, 2003, p.193). A documentação pedagógica mostra-nos como vemos as crianças e as suas ações, isto é, como as construímos e como nós reagimos face às nossas concepções, interpretações e descrições. Estas concepções são construídas segundo a nossa forma de ver e pensar sobre o mundo, através de todo este processo percebemos como nos relacionamos com a criança, com os pares e com os outros. “Sob essa perspetiva, a documentação pode ser vista

como uma narrativa de auto-reflexividade ... a partir da qual a autodefinição é construída.” (Dahlberg, Moss & Pence, 2003, p.193).

Segundo os autores referidos quando utilizamos o termo “documentação pedagógica” referimo-nos também a dois temas relacionados: a um *processo* e a um essencial *conteúdo* desse processo. A “documentação pedagógica” como conteúdo diz respeito ao material que regista o que as crianças relatam e fazem, aqui refere-se a todo o trabalho desenvolvido pelas crianças e o relacionamento do adulto com as crianças e com o trabalho das mesmas. “Tal material pode ser produzido de muitas maneiras e assumir muitas formas – por exemplo, observações manuscritas do que é dito e feito, registros em áudio e vídeo, fotografias, gráficos de computador, o próprio trabalho das crianças ... Este material torna o trabalho pedagógico concreto e visível (ou audível) e, como tal, é um ingrediente importante para o processo da documentação pedagógica.” (Dahlberg, Moss & Pence, 2003, p.194).

Esse processo envolve a utilização do *material* acima mencionado, para refletir sobre o trabalho pedagógico de forma rigorosa, metódica e democrática.

Capítulo II – Metodologia de Investigação

Capítulo II – Metodologia de Investigação

2.1 – Investigação-Ação

O projeto de intervenção pedagógica que se apresenta é suportado na abordagem da investigação-ação. Neste relatório procura-se de forma mais deliberada, conhecer a relevância e os contributos da documentação pedagógica no contexto da implementação de um trabalho de projeto com um grupo de crianças.

A investigação-ação segundo Carr & Kemmis, 1986 citados por Moreira (2014) é uma,

Compreensão aprofundada e intervenção informada, não apenas sobre a ação educativa, mas também sobre o contexto em que essa ação se desenrola, com uma finalidade de melhoria da racionalidade, justiça e natureza democrática das situações e contextos de trabalho, através de uma metodologia espiralada de planificação, ação, observação e reflexão sobre a ação.

Enquanto futuros profissionais devemos preocupar com a nossa prática pedagógica, pois deveremos ser educadores/professores ativos e reflexivos para possibilitarmos aprendizagens mais significativas às crianças, criando condições para que possam ser cidadãos mais ativos, dinâmicos e reflexivos na sociedade. “Investigação-Ação constitui um desafio para todos os profissionais que querem contribuir para a melhoria das práticas educativas.” (Coutinho, Sousa, Dias, Bessa, Ferreira, Vieira & Regina, 2009, p.356).

Segundo Hugon & Seibel, 1988 citados por Coutinho (2008),

O que melhor caracteriza e identifica a Investigação-Ação (I-A), é o facto de se tratar de uma metodologia de pesquisa, essencialmente prática e aplicada, que se rege pela necessidade de resolver problemas reais. Com a investigação há uma acção que visa a transformação da realidade, e, conseqüentemente, produzir conhecimentos as transformações resultantes da acção.

Grundy e Kemmis (1988, citado por Máximo- Esteves, 2008) referem que as atividades desenvolvidas segundo esta metodologia, investigação-ação “têm em comum a identificação de estratégias de acção planeada, as quais são implementadas e depois sistematicamente submetidas à observação, à reflexão e à mudança”.

Assim, a investigação-ação consiste em estudarmos uma situação social de forma a melhorar a qualidade da nossa ação e das nossas práticas pedagógicas. Esta metodologia vai sendo construída por várias fases, inicialmente, surge um problema, posteriormente, a

planificação, a intervenção, análise e revisão da ação e por fim a revisão do problema, ou seja, a reflexão sobre a intervenção/ação. A todo este processo que acabei de referir denomina-se de ciclo da investigação-ação.

No contexto da implementação de um trabalho de projeto que surgiu a partir dos interesses das crianças em quererem saber como se constrói um livro emergiu a necessidade de aprender mais sobre a documentação pedagógica, de conhecer melhor as suas potencialidades, bem como a sua relevância para o processo de ensino e aprendizagem.

“A Investigação-acção é um excelente guia para orientar as práticas educativas, com o objectivo de melhorar o ensino e os ambientes de aprendizagem na sala de aula.” (Arends citado por Fernandes, 2006, p.70)

Deste modo, o trabalho de projeto é constituído por três fases que estão interligadas e relacionadas entre si: a fase de planeamento e arranque, a fase de desenvolvimento do projeto e a fase de reflexões e conclusões.

Capítulo III – Intervenção Pedagógica

Capítulo III – Intervenção Pedagógica

3.1 – Caracterização do Contexto/Instituição

O Centro Social de Brito é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) sem fins lucrativos, reconhecida como de utilidade pública em 12 de Fevereiro de 1998.

A Associação tem por objetivos a prossecução de ações que visem o apoio a crianças, jovens, pessoas com necessidades especiais, idosos, à família e aos mais vulneráveis em geral, bem como, a prevenção e a reparação de situações de carência, de desigualdade socioeconómica, de dependência, de disfunção, de exclusão e marginalização ou vulnerabilidade social, o desenvolvimento das comunidades e a integração e promoção social.

Esta instituição dispõe várias valências, como, CATL 1º, 2º e 3º ciclo, Creche, Pré-Escolar, Lar e Centro de Dia, Centro de Explicações, Centro de Convívio, Apoio Domiciliário, Refeitório escolar e Transportes (Tabela 1).

A Instituição tem ao seu serviço 110 funcionários no quadro e 29 colaboradores com outros vínculos (CEI's, Estágios Profissionais, Prestação Serviços), distribuídos pelas diversas respostas, caracterizados por um espírito empreendedor, voltado para a satisfação dos seus clientes, procurando prestar sempre serviços com qualidade.

O projeto social, cultural e educativo define-se *“Da tradição à inovação”* sendo, identificado para o triénio 2013/2016. Este projeto apresenta-se como sendo aquele que poderá dar resposta mais adequada às necessidades e anseios vivenciados diariamente.

Assim, a temática que cinge o presente projeto surgiu da necessidade de as crianças, adolescentes e seniores estabelecerem um contacto mais próximo com as tradições e costumes da comunidade, contrapondo com as várias inovações da sociedade moderna.

3.2 – Caracterização do Grupo

A sala dos 3 anos é constituída por 24 crianças, 9 do sexo feminino e 15 do sexo masculino. Todas as crianças já frequentavam a instituição no passado ano letivo. O grupo é homogéneo, curioso, ativo e participativo.

As crianças desta sala brincam com os seus pares, interessando-se mais pelos outros e pelos jogos e brincadeiras com outras crianças. Interessam-se pelos sentimentos das pessoas que estão ao seu redor e preocupam-se em agradar aos adultos que lhe são significativos. São autónomos nas refeições e na sua higiene.

Contam pequenos episódios, têm conversas e perguntam muito sobre o que as rodeia. Este grupo gosta de histórias e ouve-as atentamente, descrevendo alguns acontecimentos pela ordem que ocorrem. Gostam muito de cantar, de aprenderem rimas e lengalengas, de realizarem jogos e brincadeiras de faz de conta, usando, na maior parte das vezes, adereços e sons para imitar personagens.

Uma das áreas que fascina este grupo é a expressão plástica, pois gostam de fazer composições livres, através da colagem, manusear materiais moldáveis (por exemplo, a plasticina) e fazerem desenhos livres com diferentes materiais como, lápis de cor, marcador e lápis de cera.

Também é de realçar o gosto pela dança e pela música neste grupo, dançam livremente ao som da música, reconhecem sons do quotidiano, utilizam livremente o corpo para produzir sons e usam instrumentos musicais de forma livre.

As crianças desta sala são capazes de separar os brinquedos por tamanho e cor, compreendem os conceitos de igual e diferente, fazem puzzles simples e começam a ter noções espaciais. Quase todas as crianças contam até 10, mas têm pouca noção de quantidade, ou seja, sentido de número.

De um modo geral é um grupo empenhado, trabalhador, participativo, curioso, dinâmico e ativo que têm presente bastantes conceitos e conhecimentos, mas que estão sempre interessadas em conhecer e aprender mais.

3.3 – Ambiente Físico de Aprendizagem

A sala do grupo de crianças dos 3 anos proporciona um ambiente seguro e saudável, pois dispõe de cinco janelas numa das paredes da sala e uma grande janela no fundo da sala, quase toda ao comprimento dessa parede. Tem muito boa exposição solar e iluminação natural. Esta sala é constituída por oito áreas (cozinha, quarto, jogos, biblioteca, pista, construções, expressão plástica e computador) e existe um bom espaço em cada uma delas. A separação, quando existe, é feita por armários. O chão da sala é de fácil lavagem. O mobiliário existente é adequado à idade das crianças.

A casa de banho das crianças situa-se fora da sala, no corredor, mas próxima da sala. A louça da casa de banho é também adequada ao tamanho das crianças. A sala está muito bem apetrechada e organizada, ainda conta com a presença de um lavatório para as crianças puderem lavar as mãos e o rosto sempre que necessitam.

Como referem Hohmann e Weikart a organização da sala por áreas é indispensável para a dinâmica do grupo para que lhes possa permitir uma maior autonomia e responsabilidade e “para que as crianças possam ter o maior número possível de oportunidades de aprendizagem pela acção e exerçam o máximo controlo sobre o seu ambiente.” (2009, p.163), além disso acrescentam os mesmos autores: “Os ambientes que promovem a aprendizagem activa incluem objectos e materiais que estimulam as capacidades de exploração e criatividade das crianças. Deve existir bastante espaço para estas brincarem, quer sozinhas, quer umas com as outras.” (2011, p.160).

Posto isto, é importante realçar as áreas constituintes da sala, o que as crianças lá fazem e quais os materiais existentes.

- Área de reunião em grande grupo

A área de reunião em grande grupo consiste num tapete “Tatami” de forma retangular onde as crianças se sentam em volta para as atividades em grande grupo e para o acolhimento. Dessas atividades fazem parte conversas sobre diversos assuntos, como, novidades do fim de semana, algo que as crianças queiram partilhar, histórias, canções, dramatizações, etc.

- Área das Construções

Nesta área as crianças podem fazer construções com legos. O tapete utilizado para a reunião de grande grupo é também utilizado na área das construções nos momentos de trabalho nas áreas. Existem 4 tipos de legos, animais e bonecos ao alcance das crianças para brincarem.



Figura 1 – Área das Construções

- Área da pista

A área da pista faz o aproveitamento das estantes traseiras do armário da biblioteca. Nessas estantes estão guardados os carros, barcos e motas. No chão tem um tapete rodoviário



Figura 2 – Área da Pista

(planta de uma estrada), onde as crianças brincam com carros e motas livremente. Existe algum espaço livre em frente a esta área, algumas vezes as crianças aproveitam para brincar com os colegas e com os carros neste local, sentem necessidade de explorar o espaço que têm disponível.

- Biblioteca

A biblioteca está apetrechada com 2 sofás, 1 individual e o outro de 2 lugares. Tem também almofadas grandes no chão. Possui ainda um armário com 3 estantes onde estão arrumados os livros. Os livros que existem na biblioteca são na sua maioria livros de histórias tradicionais e ainda revistas. Foram colocadas na estante algumas histórias mas duraram pouco tempo, pois as crianças rasgaram-nas, outras histórias são oferecidas pelas crianças à sala. Na maior parte das vezes brincam a tudo nesta área, não respeitando a sua essência, atiram os livros para o chão, com os sofás fazem de contam que estão num comboio a passear ou então a dormir. No meu ver esta área deve ser investida e



Figura 3 – Área da Biblioteca

trabalhada com as crianças para que elas possam perceber o que podem lá fazer com os amigos.

- Área de Expressão plástica.

Da área de expressão plástica fazem parte uma mesa com 6 cadeiras e um armário com estantes. Os materiais estão ao alcance das crianças. Nesse armário são guardados os materiais



Figura 4 – Área de Expressão Plástica

de expressão plástica como as folhas, lápis, marcadores, lápis de cera, colas, plasticina e utensílios, material de enfiamentos, restos de papéis de desperdício usado para colagens, revistas, tesouras para recorte, tintas e pincéis. Neste espaço desenvolvem atividades com a educadora em

pequeno grupo e constroem os seus próprios desenhos e pinturas que, posteriormente são expostos no placar dos “nossos trabalhos” e ou na capa de cada um.

- Área do computador

Nesta área existe uma mesa com um computador e duas cadeiras. A educadora ou até mesmo as crianças ligam o computador e colocam jogos interativos para as crianças aprenderem e construir significados de forma lúdica.



Figura 5 – Área do Computador

- Área da Casa (Cozinha e quarto)

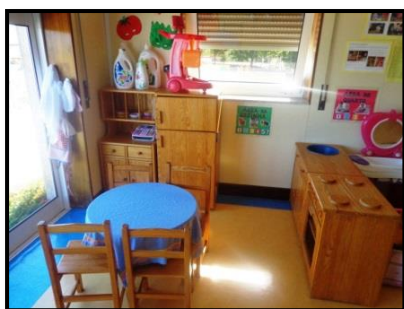


Figura 6 – Área da Cozinha

Cozinha – Na área da cozinha existe uma

mesa com quatro cadeiras, um louceiro, um fogão, um frigorífico e uma banca de lavar louça. Todos estes equipamentos são adequados ao tamanho das crianças. A cozinha está apetrechada com louças de plástico (pratos, copos, talheres, travessas, bacias, canecas, chávenas, etc.) e louça de alumínio (panela com tampa).

As crianças têm ao dispor fruta e legumes de plástico. Existem ainda embalagens de

produtos trazidos de casa pelos adultos da sala. A mesa está coberta com uma toalha de pano. Na cozinha as crianças brincam aos cozinheiros, aos pais e às mães, aos amigos, etc. É uma área de interesse para as crianças deste grupo, pois na maior parte das vezes está sempre cheia, ou seja, com o maior número possível de crianças que pode permanecer neste espaço.

Quarto – Os equipamentos que fazem parte do quarto são: uma cama, cómoda, mesinha de cabeceira (tudo em tamanho pequeno) e cestos para arrumos.

Os materiais existentes são bonecos de borracha e de pano, roupas para os bonecos e para as crianças vestirem, incluindo bolsas, chapéus, saias, etc. Em cima da mesa-de-cabeceira há um telefone em tamanho real e nos cestos de arrumos existem vários frascos de creme. A cama está coberta com um edredão e almofadas. O quarto dispõe também de um carrinho de bebé, cadeiras de bebé e de uma tabua de passar a ferro. Normalmente brincam aos professores, médicos, cabeleireiros, aos pais e às mães, passeiam os filhos no carrinho, mudam a fralda aos bebés, entre outros. É de salientar que esta área também é predileta para este grupo, normalmente, está completa.



Figura 7 – Área do Quarto

- Área dos Jogos



Figura 8 – Área dos Jogos

Esta área é composta por duas mesas, uma maior com 4 cadeiras e uma mais pequena com duas cadeiras.

Os jogos desta área estão arrumados num armário de estantes ao nível das crianças e são na sua maioria puzzles, jogos de dominó, jogo do loto, jogos de memória, jogos de cores, jogos de correspondência termo a termo e recentemente um jogo sobre os habitats dos animais.

Assim, todos os materiais das áreas estão ao alcance e disposição das crianças, onde podem explorar e brincar livremente com eles. São acessíveis e existe uma grande variedade para que possam ser utilizados por diversas crianças nos tempos de brincadeiras livres ao

mesmo tempo. “A sala deve, por isso, incluir uma grande variedade de objectos e materiais que possam ser explorados, transformados e combinados.” (Hohmann & Weikart, 2011,p.162).

Relativamente à **área exterior** é constituída por três escorregas (um grande e dois mais pequenos), uma casinha, baloiços, cavalos, carro e mota para baloiçar. É um espaço verde para que as crianças possam correr, saltar, jogar à bola, rolar na relva e brincar com os colegas livremente. As crianças



Figura 9 – Área Exterior

gostam desta área, sentem-se “livres” e encantadas com a natureza e com as brincadeiras que ela proporciona. Outrossim, “Quando estão no exterior, as crianças evidenciam diferentes capacidades daquelas que demonstram aquando no interior.” (Hohmann & Weikart, 2011, p. 212).

3.4 – Rotina Diária

A rotina diária apoia a iniciativa da criança, fornece tempo à criança para expressar e seguir ao fim os seus objetivos e intenções e permite aos adultos envolverem-se totalmente no apoio e encorajamento das crianças para que estas façam e digam coisas de si próprias.

A rotina diária é também muito importante para a criança, uma vez que, proporciona uma sequência de acontecimentos, oferece-lhes uma estrutura dos acontecimentos do dia, permitindo que as crianças antecipem os acontecimentos que se vão seguir, funcionando como uma estrutura de segurança e promovendo também a sua autonomia. A organização do tempo contribui para a construção do conhecimento por parte da criança. A partir do momento em que a criança toma conhecimento da rotina, pode começar a adquirir noções de tempo e poderá planear os seus trabalhos de modo a poder concluí-los, ou seja, poderá aprender a organizar o tempo de que dispõe. *“Uma rotina coerente é uma estrutura. Liberta igualmente crianças e adultos da preocupação de terem que decidir o que vem a seguir e permite-lhes usar as suas energias criativas nas tarefas que têm entre mãos”* (Hohman, Banet &Weikart, 1992, p. 81).

A rotina da sala dos 3 anos está organizada por diferentes momentos sendo eles: acolhimento e saída, tempo de refeições, tempo de repouso/ sesta, tempo de higiene, tempo de jogos e brincadeiras livres e tempo de trabalho em pequeno e grande grupo.

Considero que na rotina diária existe um equilíbrio entre momentos de trabalho em pequeno e de grande grupo e momentos de brincadeiras livres na sala. O tempo de pequeno grupo é muito importante para estimular e desafiar as crianças a construírem aprendizagens significativas com o auxílio do adulto. Uma vez que, o grupo é de menor elementos (crianças) o adulto pode estar mais atento e ajudar mais as crianças individualmente percebendo onde e quando deve intervir. Assim, este momento é fulcral para a “experimentação dos materiais por parte das crianças e à resolução de problemas numa actividade que os adultos escolheram com um objectivo particular.” (Hohmann & Weikart, 2011, p. 229).

“O tempo em grande grupo constrói nas crianças um sentido de comunidade.” (Hohmann & Weikart, 2011, p. 231). Normalmente, as crianças e os adultos reúnem-se neste momento para atividades de música, movimento, leitura de histórias e dramatizações das mesmas. Estes momentos da rotina, apesar de organizados de forma consistente, são flexíveis e adaptáveis às necessidades do grupo, respeitando a individualidade e interesse de cada criança.

A rotina diária (Anexo I) da sala está afixada à porta da mesma para que possa ser consultada pelos pais.

Capítulo IV – O Projeto de Intervenção Pedagógica

Capítulo IV – O Projeto de Intervenção Pedagógica

Neste capítulo apresento a descrição, desenvolvimento e avaliação do projeto de intervenção pedagógica. Está dividido em três partes correspondentes às três fases da metodologia de trabalho de projeto: Fase I – Planeamento e Arranque do Projeto, Fase II – Desenvolvimento do Projeto e Fase III – Reflexões e Conclusões. Na primeira fase descrevo como surgiu o projeto, quais os interesses e as conceções prévias das crianças acerca da questão do projeto. Na segunda fase o desenvolvimento do mesmo, isto é, as crianças procuram respostas para construírem novos conhecimentos e aprendizagens de forma participativa e ativa, através de diferentes atividades. Na terceira fase finalização, avaliação e reflexão acerca do que as crianças construíram e aprenderam com a realização do projeto.

4.1 – Fase I – Planeamento e Arranque do Projeto

“O ponto principal da primeira fase do trabalho de projeto é estabelecer uma base comum entre os participantes, partilhando informações, ideias, experiências que as crianças já têm acerca do tópico.” (Katz e Chard, 1997, p.172).

- Como Surgiu?

“O que podemos aprender com os livros?” foi a questão que as crianças levantaram para o nosso trabalho projeto. Este problema/questão surgiu numa conversa, em grande grupo, sobre o que as crianças podem e não podem fazer na área da biblioteca, uma vez que, nem sempre faziam o que era esperado nesta área. A maior parte das crianças não usa o espaço da biblioteca para o que é esperado, brincam lá com os carrinhos da área da pista, deitam-se nos sofás a fazer de conta que estão na área da casinha a dormir e a brincar com os bonecos, atiram os livros para o ar e para o chão, rasgam os livros, pouco tempo permanecem na área, etc.

No decurso da conversa as crianças assumiram que não devem correr, atirar, rasgar e espalhar os livros pelo chão nesta área, gostavam de ter mais histórias e de levar as bonecas do quarto para lá, para contarem histórias aos bonecos. Neste momento, uma menina disse *“não devemos levar as bonecas para a biblioteca, mas há aqueles bonecos para contar histórias”* (Maria Helena), outra referiu *“chamam-se fantoches, podemos fazer para termos na biblioteca?”* (Matilde). Eu e a educadora face a estas sugestões dissemos que isso era possível e, em

conjunto poderíamos construir os nossos fantoches para a biblioteca, assim podem contar e explorar as histórias de diferentes formas na área. Pelo meio da conversa surgiu uma questão interessante “*o que podemos aprender com os livros?*” (Ana Leonor), esta questão começou por ser entendida como um possível ponto de partida para projeto que pretendíamos desenvolver.

Esta conversa foi muito gratificante para mim e acho que também para o grupo, pois puderam expressar livremente as suas ideias, conseguimos construir um diálogo coeso e ter excelentes propostas para desenvolvermos e organizarmos na área da biblioteca. A conversa foi também fulcral para perceber que as crianças estavam descontentes/desmotivadas com o espaço e a decoração da área da biblioteca. Desta forma, iremos procurar responder a estes anseios das crianças em relação à área da biblioteca e levar a cabo um processo de pesquisa em torno da questão: “o que podemos fazer mais com os livros?”.

Os livros são do gosto do grupo, é algo que os fascinam e os despertam, gostam do mundo da fantasia e do imaginário. Estão atentos e envolvidos nas atividades que envolvem livros e histórias, por exemplo, a hora do conto. É do interesse das crianças aprenderem mais e construírem significados e valores.

A hora do conto é uma atividade fundamental num projeto de promoção do gosto pelo livro e pela leitura. O educador deve assumir o papel de mediador de leitura (contador), fazendo opções de estratégias, uma prática continuada que faça parte da rotina das crianças e construir uma ligação com diferentes bibliotecas para que as crianças possam conhecer e vivenciar novas experiências no mundo da leitura e dos livros. “Hora do conto ocupa um lugar muito relevante na pedagogia de sensibilização para a leitura, a literatura e o livro” (Silva, 2011).

Na semana seguinte, em grande grupo, devolvi a pergunta “o que podemos aprender com os livros?” que tinha surgido numa conversa sobre a área da biblioteca e conversei com as crianças sobre a pergunta que surgiu e questionei-as sobre como poderíamos dar resposta à curiosidade delas.

As crianças foram dizendo o que sabiam sobre a questão e não apresentaram “soluções” sobre como investigar, ou seja, não sugeriram o que deveríamos fazer para que a curiosidade delas fosse satisfeita.

Demos continuidade à conversa e surgiu uma nova questão/ interesse "como construir um livro?", por parte das crianças. Esta curiosidade emergiu, porque algumas crianças disseram que gostavam de ter novos livros na biblioteca e a educadora mencionou que não havia dinheiro para comprar, então uma menina disse: "*tenho uma ideia: porquê que não fazemos nós algumas histórias?*" (Ana Leonor).

Não deixamos cair o interesse das crianças e continuamos a falar sobre esta curiosidade, questionando-os como poderíamos saber mais para construir o nosso próprio livro. As crianças deram algumas sugestões de pesquisa, como:

- "Há fábrica dos livros?" (Pedro Freitas)
- "Podemos ir a uma fábrica de livros." (Luana)
- "Perguntar aos pais, porque eles sabem muitas coisas." (Ana Laura)
- "Perguntar ao Senhor Gentil (motorista do autocarro do centro), ele leva-nos a muitos sítios deve saber onde fica a fábrica dos livros." (Matilde)

Este diálogo com as crianças foi bastante produtivo e gratificante, pois surgiu uma pergunta mais clara e precisa. A primeira pergunta que tinham levantado era mais complexa e não estava a conseguir ter as sugestões/opiniões das crianças para dar início ao trabalho de projeto (Anexo II)

4.2 – Fase II – Desenvolvimento do Projeto

“A principal ênfase durante a segunda fase é dada à apresentação de informações novas. Por vezes, faz-se através de visitas fora da escola ...” (Katz e Chard, 1997, p.173).

Identificada uma questão de interesse das crianças comecei por refletir sobre como poderia dar início ao trabalho de pesquisa tendo em conta as sugestões feitas pelas crianças e, de forma a criar condições para que o grupo procurasse respostas para as questões que tinha. Ao mesmo tempo fui fazendo uma pesquisa pessoal sobre este assunto.

Para dar continuidade ao projeto levei para a sala bastantes livros onde realizei uma atividade exploratória com os livros em pequeno grupo. Explorei diferentes livros com as crianças, isto é, levei para a sala livros de diversas formas, tamanhos e conteúdos, como, enciclopédias do corpo humano, livros sobre a vida dos animais (mais científicos), livros de receitas, livros infantis, livros para adultos, revistas, dicionários, gramáticas, entre outros livros, para que pudessem contactar com diversos livros. De seguida exploraram livremente os livros, separaram por categorias, agruparam, classificaram quanto à forma, tamanho, etc., formaram conjuntos e contaram quantos livros existiam em cada conjunto.

Assim, com uma atividade de exploração de livros podemos desenvolver com as crianças componentes do domínio da matemática, da linguagem oral, tornando assim, as aprendizagens mais significativas e funcionais.



Figura 10 – Exploração dos livros



Figura 11 – Exploração dos livros



Figura 12 – Formar conjuntos



Figura 13 – Agrupas e contar os livros

De seguida as crianças registaram as conceções prévias acerca de “Como Construir um livro?”, esta atividade foi realizada em pequeno grupo. Cada criança tinha ao seu dispor uma folha A4, marcadores e lápis de cor. Também conversaram comigo sobre os que estavam a desenhar e quais as conceções prévias acerca do assunto, registei o que as crianças me diziam, para poder analisar com mais cuidado e refletir sobre as atividades que deveriam ser exploradas no momento a seguir. Com as opiniões das crianças acerca de “como se constrói um livro?”, elaborei um cartaz para afixar. As opiniões de algumas crianças foram as seguintes:

- É preciso ter páginas, contar a história, ter imagens e bonecos. **Gabriel**
- Para fazermos um livro precisamos de escrever, de ter papéis e fazer desenhos, meninos e meninas. **Maria Helena**
- Para fazermos um livro precisamos de papel, marcadores, pincéis, fazer desenhos e de escrever. **Ana Leonor**
- Precisamos de páginas, de um coração para o livro ficar bonito e de letras para contarmos a história. **Leonor Duarte**
- Para construirmos um livro necessitamos de papel, letras para contarmos a história e fazer desenhos. **Lara**
- Para fazer um livro é preciso papéis, desenhos, de uma capa, caixas para pôr os livros e de letras de escrever. **Ana Laura**
- Para construir um livro é preciso ter folhas, saber ler e ter letras. **Jénifer**
- Precisamos de fazer desenhos, de folhas e de letras. **Pedro Silva**

- Tem de ter páginas e desenhos. **Sandro**

- Para fazermos um livro precisamos de lápis, pintar, tesoura para cortar, fita-cola, páginas, tem de ter bonecos e letras. **Vasco**

- Precisamos de fazer desenhos nos livros, é preciso ter um sítio para meter os livros e também temos de ter folhas. Depois de o livro estar feito precisamos de mostrar aos amigos. **Matilde**

- Temos de fazer desenhos, precisamos de cola, fita-cola, autocolantes e letras para contarmos as histórias aos meninos. **Luana**

- Para fazermos um livro precisamos de desenhar um dinossauro, uma folha, letras e tem de ter a mãe, o pai e o filho. **Diego**

- Fazer as imagens, ler o livro, ler nas letras, tem de ter letras, onde está escrito. **Pedro Freitas**

- Para fazer um livro é preciso ter as imagens, os bonecos, relva e papel. **Francisco Miguel**

- Precisamos de imagens, bonecos e letras. **Rodrigo**

Depois de terminado, afixei os registos no local de exposição dos trabalhos do grupo, para que os pais pudessem ver e saber o que as crianças estavam a desenvolver e para que as crianças se sentissem mais familiarizadas com o que estavam a realizar, a documentação exposta na parede torna-se um meio importante para envolver os pais no projeto (Dahlberg, Moss & Pence, 2003, p.195).



Figura 14 – Registo das crianças



Figura 15 – Registo das crianças

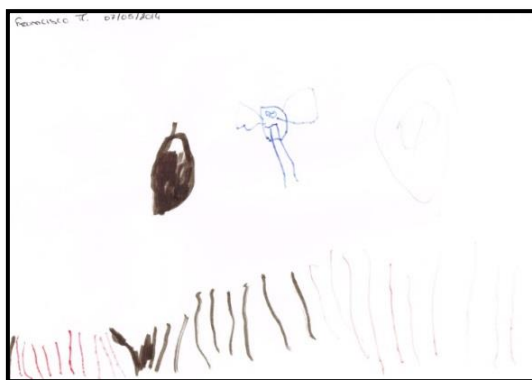


Figura 16 – Registo das crianças



Figura 17 – Registo das crianças



Figura 18 – Registo das crianças



Figura 19 – Registo das crianças

Tendo as sugestões das crianças e para continuar a procurar respostas para as questões identificadas elaboramos um questionário para os pais. Deste modo, “lançaram” questões às quais gostariam de ter resposta por parte dos pais. De seguida, selecionamos as questões mais pertinentes para as crianças levarem para os pais ou outros familiares responderem. Esta atividade foi realizada em pequenos grupos e em grande grupo. Em pequenos grupos as crianças sugeriram algumas dúvidas, depois em grande grupo discutimos e selecionamos as questões para o questionário (Anexo III).

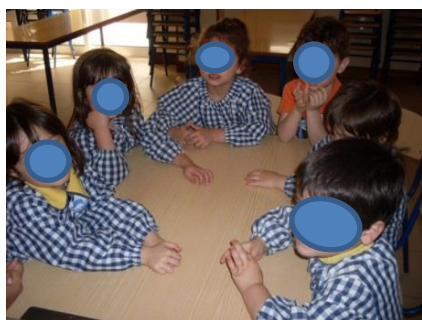


Figura 20 – Surgem as questões para os pais



Figura 21 – Discussão e seleção das perguntas

“O objectivo principal das actividades de investigação é descobrir informações. Após ter sido apresentado o tópico, podem incentivar-se as crianças que ganharam confiança no que já sabem sobre ele a ir mais longe, a descobrir informações novas, a desenvolver as suas compreensões básicas.” (Katz e Chard, 1997, p.233).

As crianças gostam de mostrar o que aprenderam e construíram acerca de um determinado assunto/questão, de representar, observar, questionar, investigar e avaliar as suas próprias aprendizagens para saberem até onde podem ir, desenvolvendo diversas capacidades e competências.

“As estratégias receptivas que as crianças podem utilizar para investigar um tópico incluem observar, ouvir um especialista, observar alguém a trabalhar, e ler. A observação implica olhar atentamente para os objectos, manuseá-los e, eventualmente, utilizar outros sentidos.” (Katz e Chard, 1997, p.233 - 234).

Como as crianças, normalmente nesta fase do projeto constroem novos conhecimentos, em casa fiz uma pesquisa, selecionei alguma informação em computador que coloquei ao dispor das crianças para que, em pequeno grupo elas analisassem e procurassem informação relevante para as questões do projeto.

No âmbito desta pesquisa, as crianças descobriram e partilharam que na construção de um livro primeiro surge uma ideia, depois há quem escreve o livro, cujo nome denominado de autor/escritor, existe também quem faz os desenhos/ilustrações, vai para a gráfica (fábrica dos livros) onde são impressos, cortados e colados, de seguida vão para as livrarias onde são vendidos e por último vão para as nossas casas ou bibliotecas.

Neste contexto de aprendizagem é importante construir novas aprendizagens e desenvolver mais competências acerca do tópico do projeto, para isso fomos fazer uma visita a uma gráfica, algo que as crianças tinham mencionado na fase da “descoberta” do tema do projeto. Antes de irmos à gráfica conversei com as crianças sobre a nossa ida, quais os cuidados a ter no local e preparamos as questões que eles queriam colocar ao senhor da gráfica. Falamos em aspetos essenciais para que a visita corresse da melhor forma e que fosse significativa para as crianças.

A ida à gráfica (Figura 22 à 27) com as crianças proporcionou momentos de aprendizagens significativas, pois adquiriram mais conhecimentos sobre como se constrói um livro. “Todas as crianças mais novas se interessam por quase todos os aspectos imagináveis de uma visita fora da escola” (Katz e Chard, 1997, p.225).

As crianças estavam muito entusiasmadas com o facto de saírem da sala para visitar algo novo, do interesse delas, para observarem as diferentes máquinas que fabricam os livros. Andar de autocarro para o grupo é algo que o fascina, pois sabem que, na maior parte das vezes, vão conhecer outras realidades, contactar com diferentes “mundos”.



Figura 22 – Espera do autocarro



Figura 23 – Chegada à gráfica



Figura 24 – Explicação inicial



Figura 25 – Fazem-se etiquetas, livros e caixas



Figura 26 – Continuação da visita



Figura 27 – Final da visita

Quando chegamos à instituição/sala reunimos, em grande grupo, e conversamos sobre o que viram lá e sobre o que gostaram mais. Obtive respostas muito interessantes, como:

- *“Gostei muito do senhor Rodrigo, ele era giro”;*
- *“Vimos muitas máquinas, foi mesmo fixe”;*
- *“As máquinas faziam muito barulho”;*
- *“Gostei daquela máquina muito grande que tinha uma luz amarela em cima e que se tinha de pôr uma chapa”;*
- *“O senhor Rodrigo foi nosso amigo, porque ofereceu-nos a nossa fotografia”;*
- *“Gostei de ver o senhor a trabalhar na máquina de cortar folhas”.*

Algumas crianças explicaram partes do processo da construção do livro na fábrica, mencionando que os desenhos tinham de ser feitos no computador, depois o computador mandava-os para uma máquina grande, nessa máquina saía uma chapa com letras e desenhos que teria de se colocar noutra máquina, para sair no papel. Com este diálogo pude perceber que as crianças construíram conhecimentos fundamentais e significativos acerca da construção de um livro.

Para analisarmos, mais detalhadamente o que cada criança aprendeu com a ida à gráfica, em pequeno grupo, foi-lhes proposto que realizassem o registo da visita (figuras 28-32), o que observaram na fábrica, o que mais gostaram, qual a máquina que mais gostaram, etc. Cada uma fez o seu registo numa folha A4 utilizando os marcadores. Posto isto, disseram-nos o que estava representado e nós (adultos) escrevemos na folha de registo, junto aos desenhos delas. No final, expusemos (figura 33) os registos elaborados pelas crianças na sala para que todas tivessem possibilidade de observar o seu trabalho, os dos colegas e para os pais observarem os registos dos filhos e perceberem o significado que teve em cada um deles.



Figura 28 – Registo do João Pedro Silva

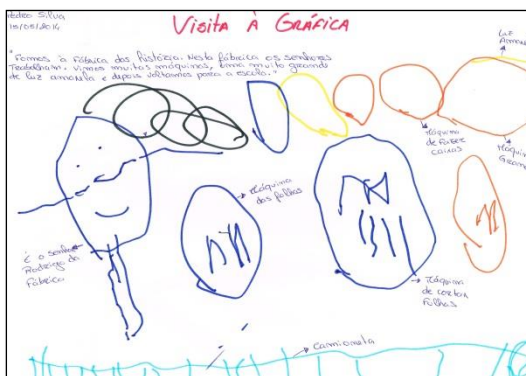


Figura 29 – Registo do Pedro Silva

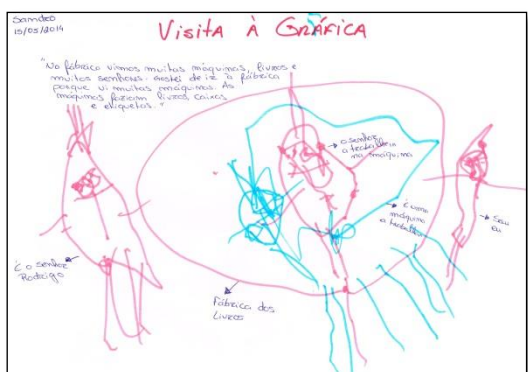


Figura 30 – Registo do Sandro

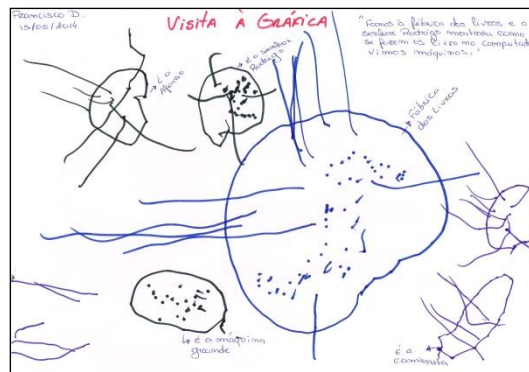


Figura 31 – Registo do Francisco Dinis



Figura 32 – Registo da Leonor Duarte



Figura 33 – Exposição dos registos da visita

Tabela 1 - Registos da visita à gráfica de cada criança:

O que Vimos e Aprendemos na Gráfica

- “Vimos os livros a sair das máquinas e os papéis. Na fábrica os senhores fazem livros, caixas e etiquetas. Gostei de ir à fábrica, porque tinha livros a sair” (Ana Diogo)

- “Tinha lá Livros. As máquinas faziam barulhos.” (Daniel)
- “Tinha lá máquinas que faziam livros e caixas. Tinha muitas máquinas. O senhor deu uma fotografia.” (Francisco Miguel)
- “Fomos à Avegráfica ver livros, os senhores a trabalhar na fábrica dos livros. Vimos o Filipe a mostrar-nos uma coisa no computador. Na fábrica do senhor Rodrigo os senhores fazem etiquetas, caixas e livros. Gosto do senhor Rodrigo. O Senhor Rodrigo é giro. Na fábrica havia muitas máquinas, mas não sabemos como se chamam as máquinas todas. Havia a máquina de cortar papel, gostei muito dela.” (Ana Leonor)
- “Vimos muitas máquinas. Havia uma grande de fazer livros, que tinha uma luz amarela.” (Rodrigo)
- “Na fábrica os senhores fazem livros, caixas e etiquetas. A máquina que gostei mais foi a grande, a que tinha uma chapa. Gostei do senhor Rodrigo, ele ofereceu-nos uma fotografia.” (Diego)
- “Vimos as máquinas a trabalhar e os senhores a trabalhar. As máquinas faziam livros.” (Luana)
- “Vimos caixas, etiquetas, livros, folhas e máquinas de fazer isso.” (Jénifer)
- “Fomos à fábrica dos livros. Nesta fábrica os senhores fazem livros, caixas e etiquetas. Gostei de ir à fábrica ver as máquinas. O senhor Rodrigo ofereceu-nos a nossa fotografia.” (Matilde)
- “Gostei de ir à fábrica, porque tinha muitas máquinas. A máquina que gostei mais foi a de cortar o papel. Vimos etiquetas, caixas e livros. O senhor Rodrigo trabalha nas máquinas e ofereceu-nos a nossa fotografia.” (Leonor Duarte)
- “Gostei de ir à fábrica, porque era muito fixe. Vi uma máquina muito grande, vi uma máquina a sair folhas. Quando íamos para a fábrica vi a casa da minha avó.” (Pedro Freitas)
- “As máquinas trabalhavam a fazer folhas e a cortar papel. Era grande a fábrica. O senhor deu uma fotografia.” (Lara)

- “Tinha uma máquina com uma luz amarela. Vimos máquinas de cortar papel e vimos papel a sair das máquinas. O senhor Rodrigo trabalha lá na fábrica.” (Ana Laura)
- “A fábrica dos livros é grande. Na fábrica tinha máquinas, máquina de cortar, fazer livros, de fazer desenhos e outras máquinas. O senhor Rodrigo ofereceu-nos uma fotografia. Fomos à fábrica de camioneta.” (Maria Helena)
- “Na fábrica vimos máquinas de fazer livros e imagens. Tinha poucas máquinas. Tinha lá muitos senhores a trabalhar.” (Vasco)
- “Vimos máquinas que trabalhavam, a fazer papel. Vimos máquinas de cortar papel.” (Gabriel)
- “Na fábrica tinha livros, tinha máquinas.” (João Pedro Silva)
- “Fomos à fábrica dos livros e vimos livros.” (João Costa)
- “Fomos à fábrica das histórias. Nesta fábrica os senhores trabalham. Vimos muitas máquinas, uma muito grande de luz amarela. Depois voltamos para a escola.” (Pedro Silva)
- “Na fábrica vimos muitas máquinas, livros e muitos senhores. Gostei de ir à fábrica, porque vi muitas máquinas. As máquinas faziam livros, caixas e etiquetas.” (Sandro)
- “Fomos à fábrica dos livros e o senhor Rodrigo mostrou como se fazem os livros no computador. Vimos máquinas.” (Francisco Dinis)
- “Fomos a uma fábrica de máquinas e vimos muitos senhores a trabalhar.” (Afonso)
- “Vimos livros na fábrica e máquinas que faziam barulho.” (Simão)

Pude constatar que as crianças gostaram de ir à AveGráfica, pois a maior parte delas perceberam qual o processo do livro para chegar às livrarias ou até nós. Demonstraram um grande carinho pelo senhor Rodrigo afirmando que *“foi nosso amigo, porque nos ofereceu a nossa fotografia”*.

De seguida, em grande grupo, exploramos as respostas dos inquiridos que as crianças levaram para os pais acerca de algumas questões levantadas pelas mesmas sobre a construção

de um livro. Através deste diálogo e partilha de ideias dos pais sobre o tópico, as crianças ficaram mais esclarecidas relativamente às dúvidas que tinham surgido na fase do planeamento e arranque do projeto. Assim, construíram mais conhecimentos significativos e importantes para a questão do nosso projeto, com o contributo dos pais e com a ida à gráfica.

Gráfico 1 – Respostas dos pais à questão: Como é que se fazem os livros?

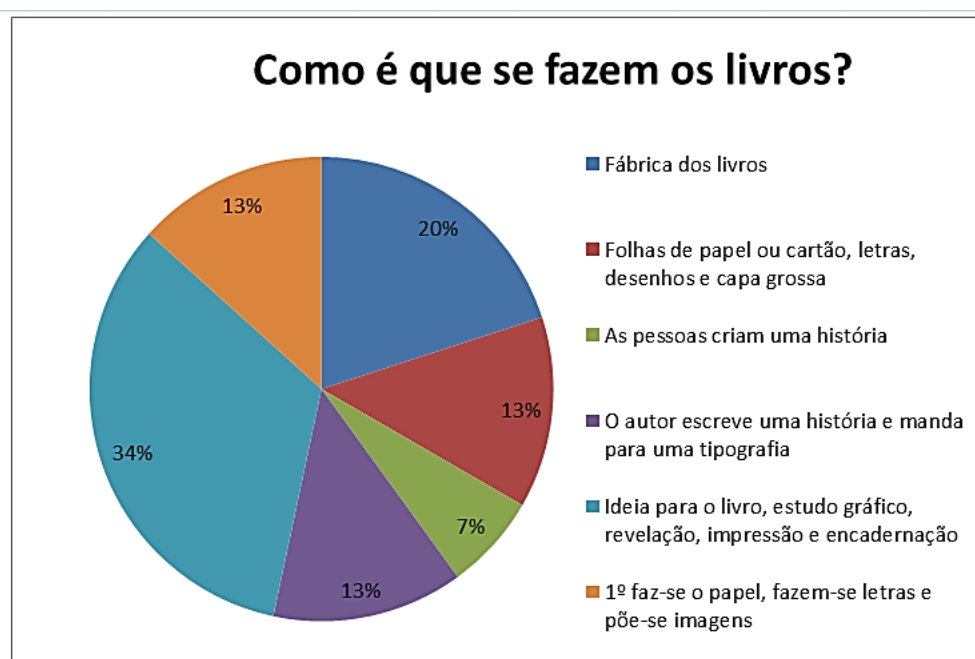


Gráfico 2 – Respostas dos pais à questão: Onde se compram as capas grossas dos livros?

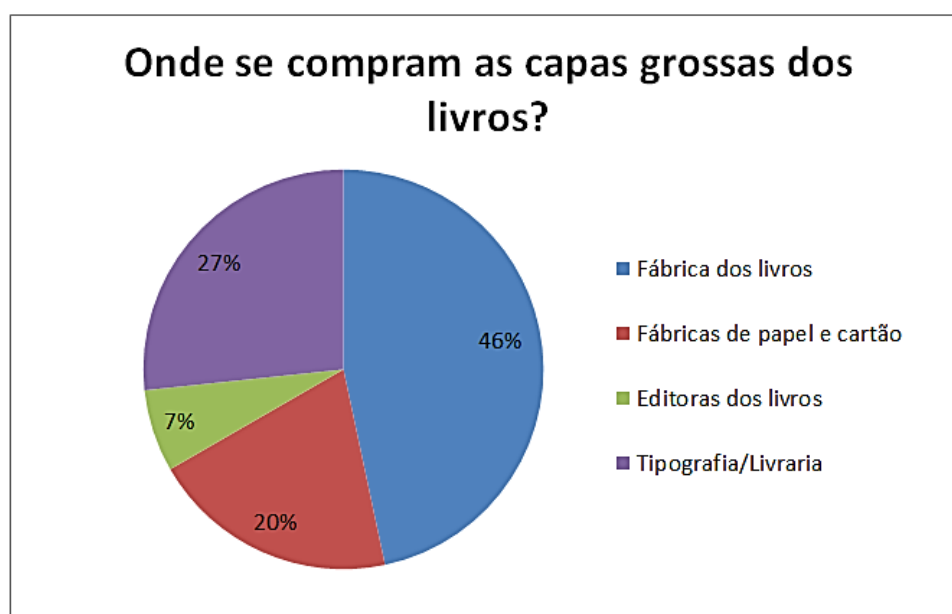
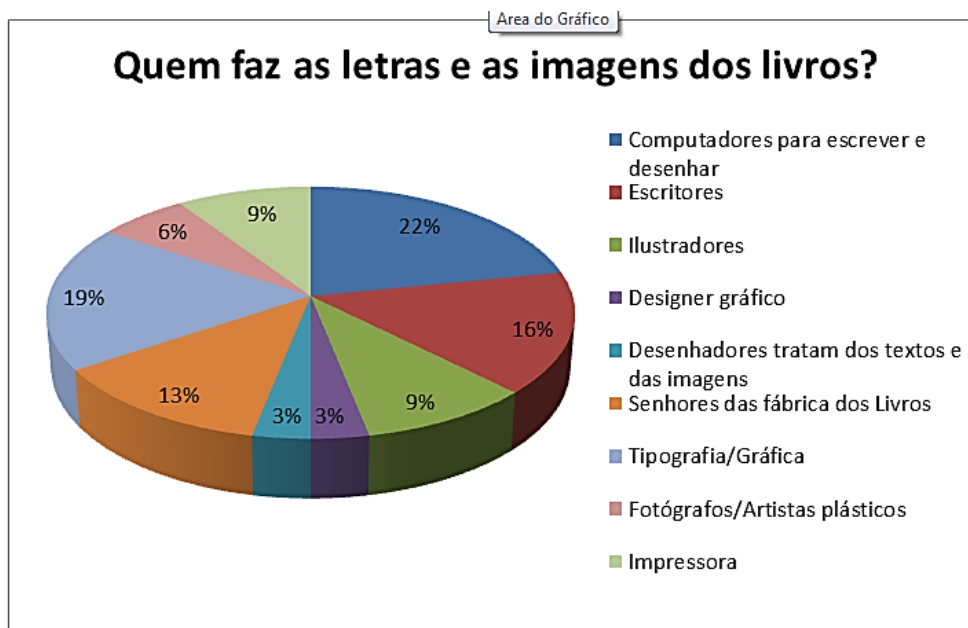


Gráfico 3 – Respostas dos pais à questão: Quem faz as letras e as imagens dos livros?



Os gráficos 1, 2 e 3 foram analisados e discutidos com as crianças para depois expormos na sala. As crianças puderam constatar que no gráfico 1, relativamente à questão “Como é que se fazem os livros?” a maior parte dos pais responderam que existe um processo pelo qual o livro deve passar, no entanto os processos são diferentes para alguns deles, 34% disseram que é necessário ter uma ideia para o livro, de seguida fazer um estudo gráfico, revelação, impressão e encadernação, 20% referiu que se fazem nas fábricas dos livros, outros mencionaram que precisavam de folhas de papel, desenhos e letras entre outras.

Relativamente ao gráfico 2, “Onde se compram as capas grossas dos livros?” o grupo percebeu que se podem comprar em diferentes sítios como, na fábrica dos livros, fábrica de papel ou cartão, editoras de livros ou então nas tipografias ou livrarias. No que diz respeito ao gráfico 3 cuja pergunta é “Quem faz as letras e as imagens dos livros?”, as crianças interpretaram que podem ser várias as pessoas ou locais onde fazem, por exemplo, podem ser os ilustradores, escritores, designers, ou então, computador ou máquinas que podemos encontrar na fábrica dos livros.

Num momento seguinte analisamos e exploramos as repostas das crianças sobre as conceções prévias de “Como Construir um Livro” (os dados obtidos) através de uma tabela (Anexo IV), onde o grupo fez contagens (figura 34) para saber quantas crianças tinham mencionado o mesmo material para a construção do livro. Posto isto, construímos um gráfico de barras (gráfico 4) com os resultados, ou seja, contamos novamente para fazer as barras do gráfico (figuras 35 - 38) e cada criança pintou a barra correspondente à sua contagem. De seguida, confrontaram os resultados da tabela com o gráfico de barras que elaboraram, mencionando qual a barra maior e mais pequena, quantas crianças responderam da mesma forma. Esta atividade do projeto envolveu a área da matemática no que diz respeito a comparar, ordenar, contar, organizar e tratar os dados.

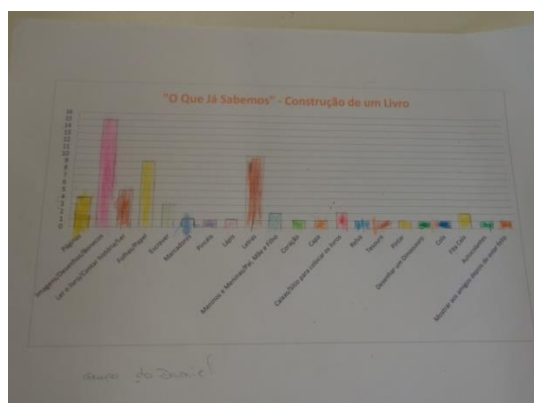
Gráfico 4 – Por preencher (as crianças vão completá-lo)



Figura 34 – Contagem dos dados



Figura 35 – Construção do gráfico



Esta foi uma atividade bem conseguida com a participação das crianças em pequenos grupos, onde cada uma analisou um dado concreto e em conjunto elaboraram o gráfico de barras. Eu levei já impresso a estrutura do gráfico (gráfico 4) e as crianças apenas faziam a contagem, as barras do gráfico e depois pintavam-nas. Todas as crianças gostaram da atividade, porque foi uma atividade nova em que puderam ser “construtores” e “pintores” de barras, ficavam ansiosas pela vez delas, pois gostaram do trabalho que se estavam a desenvolver e a construir *“quando é que é a minha vez sara?”, posso pintar mais barras do nosso gráfico?”*.

Uma vez que, as crianças já construíram novos conhecimentos acerca da questão do projeto, com a investigação e com a visita à gráfica, em grande grupo, explorei a história “O Livro” (Anexo V) para que as crianças pudessem retomar e ampliar muitas das aprendizagens já construídas. Depois, da leitura revemos todo o processo, através das imagens, algumas crianças disseram o que teria de ser feito em primeiro lugar e quais os passos seguintes para a construção do livro. Ao fim, desta revisão as crianças questionaram-me sobre quando iríamos realizar o livro para a biblioteca, eu dialoguei um pouco com elas do que estava previsto fazermos até ao final da semana e perguntei se gostavam de fazer cada um o seu livro, responderam todos entusiasmados que *“sim”*.



Figura 39 – Exploração do livro

Na mesma semana tivemos ainda uma saída a convite da diretora da escola do 1º ciclo. Antes da visita à biblioteca da escola do 1º ciclo conversei com as crianças, em grande grupo, sobre o que achavam que iam lá encontrar, como deveríamos estar num local como a biblioteca, para que serve, reforcei alguns aspetos e dei a conhecer outros, pois elas já tinham ido à biblioteca municipal de Guimarães assistir a uma hora do conto. Foi uma conversa muito importante e interessante, porque as crianças participaram dando as suas opiniões acerca do comportamento a adotar *“temos de nos portar bem”, “não podemos fazer barulho”, “nas bibliotecas temos de estar muito calados”*, à questão, o que gostavam de ver as crianças mencionaram *“gostava que tivesse lá muitos livros e diferentes dos nossos.”*

A ida à biblioteca (figuras 40-41) não foi descontextualizada, isto é, depois de uma atividade inicial com os livros para as crianças contactarem e perceberem que existem diferentes livros tanto a nível do tamanho como de conteúdo, acho que foi importante nesta fase do projeto a visita a uma biblioteca, para que as crianças percebessem que há diversos livros nas bibliotecas, e que estão dispostos de diferentes formas, por temas, áreas, conteúdo, etc., para as ajudar a escolher e a entender qual o livro que queriam construir coletivamente para a sala.



Figura 40 – Chegada à biblioteca



Figura 41 – Organização da biblioteca

Na biblioteca (figuras 42-43) as crianças contactaram com diversos livros, exploraram alguns com os adultos, explicámos que os livros estão em estantes por categorias e mostramos alguns deles para poderem ver e relacionar à categoria que estávamos a falar. Depois de falarmos sobre a forma como estavam organizados os livros, apresentamos vários livros infantis e as crianças escolheram um para nós contarmos “O Pinguim Pinpin que tinha medo do escuro”.



Figura 42 – Visualização de livros



Figura 43 – Exploração dos livros

Iniciou-se a leitura da história (figura 44) e as crianças permaneceram atentas e curiosas, pois nunca tinham ouvido aquela história. A ida à biblioteca clarificou algumas dúvidas das crianças acerca da diversidade e da disposição dos livros, mas o que lhes chamou mais atenção no geral foi as estantes mais pequenas, as que tinham os livros destinados para elas, os livros infantis.

Segundo as Orientações Curriculares (1997, p.72),

O gosto e interesse pelo livro e pela palavra escrita inicia-se na educação pré-escolar. O contacto e frequência de bibliotecas pode também começar nesta idade, se as crianças tiveram oportunidade de utilizar, explorar e compreender a necessidade de as consultar e de as utilizar como espaços de recreio e de cultura.



Figura 44 – Leitura da história

Quando regressamos à sala as crianças registaram, em pequeno grupo, o que aprenderam com a visita à biblioteca, desenharam o que observaram e ainda relataram as suas aprendizagens e nós, adultos, escrevemos junto ao desenho.

Obtivemos representações (figuras 45-48) diversificadas, no entanto, quase todas as crianças realçaram que os livros para os adultos situavam-se nas prateleiras de cima e os que eram destinados às crianças nas prateleiras mais baixas. No final, dos registos as crianças construíram um cartaz para afixar na sala (figura 49).

Tabela 2 - Algumas descrições e aprendizagens das crianças com a visita à biblioteca:

- “Os livros dos adultos ficam em cima e os das crianças ficam em baixo para os meninos chegarem lá.” **(Vasco)**

- “Os livros guardam-se nos armários, há armários pequenos e grandes. Os pequenos são para as crianças e os grandes para os adultos.” **(Maria Helena)**

- “Vimos histórias, tinha lá computadores. Os livros estavam nos armários.” **(João Pedro Silva)**

- “Vi histórias, armários, computadores. Os livros guardam-se nos armários. Há livros de

animais, de aventuras, da capuchinho, da caracóis de ouro. Vimos uma história e não podemos rasgar os livros.” **(Jénifer)**

- “Na biblioteca vimos muitos livros que estavam guardados nas prateleiras. Tinha livros para adultos, para pequenos e para meninos grandes.” **(Sandro)**

- “Tinha lá muitos livros de crianças e de adultos. Os livros estavam nos armários. A Alexandra e a Sara mostraram os livros e contaram uma história. Tinha muitas janelas.” **(Pedro Silva)**

- “Os livros estão nos armários, há muitos livros na biblioteca.” **(Francisco Dinis)**

- “Na biblioteca tinha muitos livros e computadores. Os livros estavam nos armários, havia livros de imagens e letras. Tinha livros para meninos grandes e pequenos. A Sara e a Alexandra mostraram livros e contaram histórias.” **(Rodrigo)**

- “Havia livros de aventuras, de desenhos que saiam fora. As capas dos livros das crianças são duras para nós não enrolarmos.” **(Ana Leonor)**

- “Não podemos rasgar os livros. Tinha muitos livros de animais. Os livros dos adultos só têm letras.” **(Ana Laura)**

- “Na biblioteca podemos ler livros, os livros estão direitinhos nos armários. Temos de estar caladinhos. Havia livros de animais, do pinguim tem medo do escuro, adultos, crianças, meninos grandes e outros só com letras.” **(Pedro Freitas)**

- “Aprendemos que na biblioteca se contam histórias. Temos histórias diferentes. Os livros estavam nos armários, uns em cima e uns em baixo. Na biblioteca também tem armários pequenos com livros para meninos pequenos. A Sara e a Alexandra mostraram que há livros com capas duras e moles, temos de ter cuidado para não estragar.” **(Luana)**



Figura 45 – Registo da visita à biblioteca



Figura 46 – Registo da visita à biblioteca

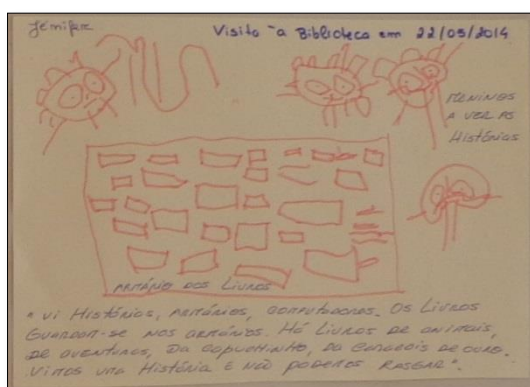


Figura 47 – Registo da Jénifer



Figura 48 – Registo da Ana Leonor



Figura 49 – Exposição dos registos

Depois de conversarmos sobre a nossa ida à biblioteca e o que as crianças lá aprenderam, refleti e analisei um pouco sobre o desenvolvimento do projeto e, achei pertinente em pequeno grupo (figuras 50 - 52), explorar e analisar cuidadosamente capas de diferentes

livros, onde as crianças tiveram de identificar o título, o autor/escritor, a ilustração, entre outras componentes das capas dos livros.



Figura 50 – Exploração do título, escritor, ilustrador e editora



Figura 51 – Identificação do título



Figura 52 – Exploração da capa do livro
“João e o Pé de Feijão”

Esta atividade foi fundamental no projeto, porque as crianças no próximo momento vão construir a sua própria história (livro) e necessitam de saber o que está destacado, frisado numa capa de um livro. A maior parte, das crianças já sabiam o que contempla uma capa de um livro devido às explorações que se fazem no dia-a-dia.

A comunicação é essencial em todas as atividades e interações com as crianças. Assim, nós, adultos devemos dar valor e importância às opiniões delas, saber ouvi-las, dar significado e sentido à evolução da linguagem e das suas aprendizagens a esse nível, tornando o seu discurso mais completo e persuasivo. “Cabe ao educador alargar intencionalmente as situações de comunicação, em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos e intenções que permitam às crianças dominar progressivamente a comunicação como emissores e receptores” (Orientações Curriculares, 1997, p.68).

Depois da atividade, em pequeno grupo, continuamos em grande grupo a aprofundar mais um pouco a capa do livro do João e o Pé de Feijão. Iniciamos com a exploração da capa e de seguida, passamos para a leitura da história.

No final, leitura da história “João e o Pé de Feijão” as crianças perguntaram se não podiam fazer um feijoeiro mágico como o João da história, pois gostaram muito e queriam ver se os deles também seriam mágicos. Não deixamos cair esta proposta interessante das crianças e, no dia seguinte levamos feijões, algodão e frascos de vidro para semearmos os feijões com elas.



Figura 53 – Exploração do livro



Figura 54 – Atividade do feijoeiro mágico



Figura 55 – Colocar os feijões e o algodão

Esta atividade desenvolvida com as crianças foi integradora, dinâmica, articulada e significativa, pois foi do interesse das crianças e desenvolveu diferentes áreas e domínios de conteúdo como, a área de formação pessoal e social, área do conhecimento do mundo, domínio da matemática, domínio da expressão plástica e domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, “as diferentes áreas de conteúdo deverão ser consideradas como referências a ter em conta no planeamento e avaliação das experiências e oportunidades educativas e não como compartimentos estanques a serem abordados separadamente.” (Orientações Curriculares, 1997, p.48).

De seguida, em pequeno grupo, cada criança (figuras 56-60) vai construir um livro livremente, pensa e escolhe o tema da história e depois constrói e elabora-a. O grande objetivo desta atividade é que cada criança possa construir o seu livro de livre e espontânea vontade, dando asas à sua imaginação. Forneci o material às crianças (folhas coloridas marcadores e lápis de cor), escolheram o tema da história e cada uma começou a narrar o que iria acontecer no seu livro, nós adultos escrevemos o que elas diziam acerca da sua história e elas desenhavam, ou seja, faziam as ilustrações. Auxiliei e orientei as crianças nesta fase importante do projeto que elas tanto ansiavam.



Figura 56 – Construção da história



Figura 57 – Ilustração da história

O objetivo desta atividade foi cumprido, pois cada criança construiu o seu livro de uma forma descontraída e livre, onde puderam recriar situações, entrar no mundo do faz de conta, isto é, no imaginário, serem criativos e organizados na sequência da história. A maior parte delas tiveram um bom fio condutor sem necessitar muito da nossa intervenção, pois conseguiram dar um início, um meio e um fim à história.

Depois da história e das ilustrações elaboradas pelas crianças, em pequeno grupo, finalizaram o livro com a construção das capas, onde escolheram o título, nomearam o escritor e o ilustrador e fizeram uma ilustração para a capa. Neste processo auxiliei as crianças na escrita do título, nome do escritor e do ilustrador.



Figura 58 – Escolha e escrita do título



Figura 59 – Ilustração da capa

criança começou a história e a seguinte deu continuidade à mesma, e assim sucessivamente (cada uma acrescentava um pouco à história, dando continuidade à que falou anteriormente).



Figura 63 – Conto redondo – História coletiva

Fiquei muito animada com o resultado, conseguiram dar sentido à história, tendo um bom fim condutor, ou seja, ter um princípio, um meio e um fim. Nunca pensei que a história fluísse tão bem com este grupo, por vezes, parecem tão distantes. No entanto, correu muito bem esta hora do conto redondo, foram ativos, criativos e aventureiros, sobrevoaram pelo mundo imaginário o que tornou a história mais atraente.

Gostei imenso desta experiência, hoje tenho a certeza de que quando as crianças estão interessadas e envolvidas na atividade que está a ser desenvolvida, elas são capazes de fazer coisas magníficas. É por isto mesmo que luto cada dia pelo meu sonho, de vir a ser uma grande profissional junta das crianças, fazendo com que elas construam cada vez mais aprendizagens significativas, ou seja, que atribuam significados a tudo o que fazem e que os possam colocar em prática no seu dia-a-dia.

Posteriormente, em grande grupo, conversei com as crianças sobre a história coletiva, li-a novamente e pedi que sugerissem títulos para a história. Depois de algumas sugestões dadas pelas crianças decidimos, em conjunto qual o melhor título para a história “O Peixinho”.

De seguida em pequeno grupo, as crianças ilustraram a história (figuras 64-65) que realizaram no conto redondo em cartolinas já impressas com o texto. Finalizaram o livro coletivo com a ilustração da capa (figuras 66-68), colaram tecido azul com cola branca, que significa o fundo do mar e papéis pretos e coloridos no peixe e no tubarão, depois eu e a educadora fizemos as letras para o título.



Figura 64 – Ilustração da história “O Peixinho”



Figura 65 – Ilustração da história “O Peixinho”



Figura 66 – Construção da capa do livro “O Peixinho”



Figura 67 – Construção da capa do livro “O Peixinho”



Figura 68 – Construção e finalização da ilustração da capa do livro “O Peixinho”

O grupo também gostava de construir o livro “A Galinha Ruiva” coletivamente para o poderem explorar na área da biblioteca. Sendo assim, iniciamos a construção do mesmo em pequeno grupo. Distribui o cartão (que servia de folhas do livro) para as crianças darem uma tonalidade, de seguida as imagens da história, cada uma selecionou os materiais (marcadores, lápis de cor) para pintar as figuras (Figuras 69-70).

Posteriormente criaram uma ou mais partes da história (numa ou mais páginas) com as imagens que pintaram e com o texto/falas da história, para assim construírem a história da galinha ruiva. Posto isto, colaram as imagens e o texto impresso da forma que tinham sequencializado anteriormente.



Figura 69 – Pintura do cartão com as mãos e das imagens da história



Figura 70 – Pintura e colagem das imagens e do texto da história

Depois de terminado o livro, em grande grupo (figura 71) explorarei a história, lendo o texto e dialogando sobre a sequência da história (se ficou igual ou não como a história verdadeira, tida como base para esta) com as crianças.



Figura 71 – Finalização da história “A Galinha Ruiva”

Terminadas as histórias coletivas estava na altura de as introduzir na biblioteca, antes disso, explorei-as com o grupo. Posto isto, conversamos um pouco sobre o cuidado que devem ter com estes livros e com os outros que estão ao dispor na biblioteca (Figuras 72-74).



Figura 72 – Exploração do livro “A Galinha Ruiva”



Figura 73 – Exploração do livro “O Peixinho”



Figura 74 – Exploração do livro “O Peixinho”

4.3 – Fase III – Reflexões e Conclusões

Segundo Katz e Chard (1997, p.192),

O objectivo principal da terceira fase do trabalho de projecto é ajudar a concluir o projecto com o trabalho de grupo e individual, e resumir o que se aprendeu. Na terceira fase, espera-se que a maior parte das crianças partilhe uma compreensão completa do tópico.

Uma vez que, as crianças já construíram imensas aprendizagens ao longo do projeto como podemos constatar através do que elas dizem e realizam, em pequenos grupos, realizaram o registo (figuras 75-76) sobre o que aprenderam ao longo do projeto, numa folha A4 e marcadores. No registo as crianças identificaram o que estavam a desenhar, refletiram sobre o projeto, descreveram as suas aprendizagens (tabela 3) e diferentes fases e atividades do mesmo.

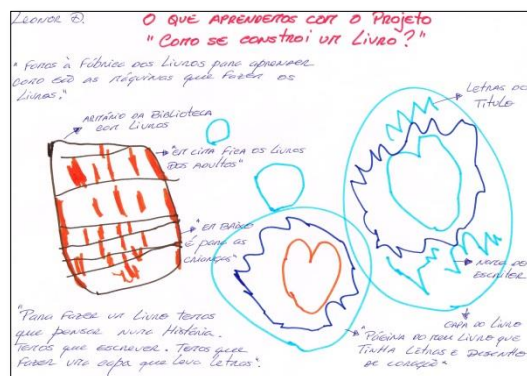


Figura 75 – Registo das aprendizagens



Figura 76 – Registo das aprendizagens

Alguns registos sobre o que as crianças aprenderam com o projeto:



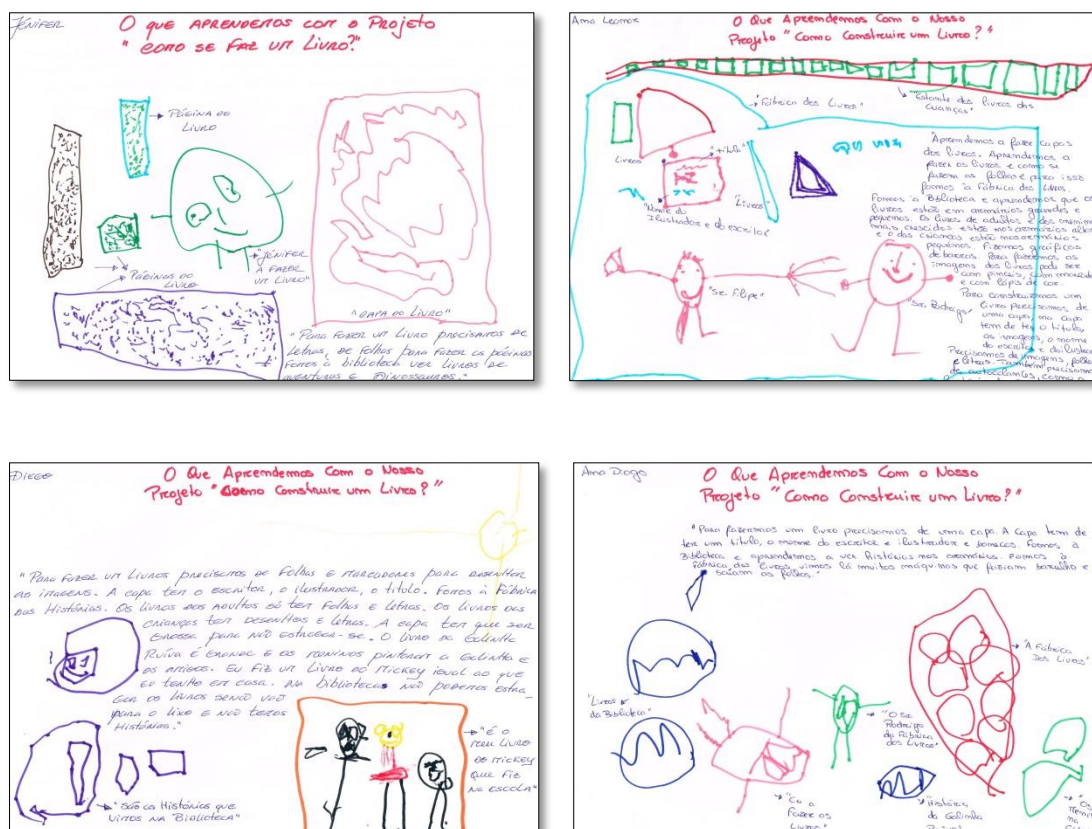


Tabela 3 – Alguns registos sobre o que as crianças aprenderam com o projeto “Como Construir um Livro?”

- "Aprendi como se fazem livros." Para fazer um livro precisamos de uma capa, imagens, desenhos, folhas, chapa, escrever a história, pensar na história é preciso alguém fazer os desenhos a esses senhores chamados ilustradores. Fomos à fábrica dos livros e vimos muitas máquinas, algumas cortavam papel. Fomos à biblioteca, aprendemos que as histórias estão arrumadas nas prateleiras e temos de nos portar bem na biblioteca e ler os livros sem fazer muito barulho.

Gostei do nosso projeto porque fizemos muitas histórias. Fizemos a da Galinha Ruiva, a do Peixinho e a minha dos Gormiti." (Gabriel)

- "Para fazermos um livro precisamos de uma capa. A capa tem de ter um título, o nome do escritor e ilustrador e bonecos. Fomos à biblioteca e aprendemos a ver histórias nos armários. Fomos à fábrica dos livros e vimos lá muitas máquinas que faziam barulho e saíam as

folhas.” **(Ana Diogo)**

- "Com o nosso projeto fizemos a história do peixinho, a da Galinha Ruiva e eu fiz as histórias dos Skates Voadores. Para fazer um livro precisamos de uma capa dura, o nome do ilustrador e do escrito. Fomos ver como se fazem os livros na gráfica de camioneta. Na biblioteca aprendemos que os livros estão guardados nos armários e temos de estar calados. Com a Sara vimos que há muitos livros, há livros das crianças têm desenhos e letras e os de adultos têm muitas letras.

Gostei de fazer livros e de aprender como se fazem os livros porque depois podemos ler na biblioteca. Na biblioteca contamos histórias, não podemos subir aos armários e temos de passar as páginas devagarinho se não os livros rasgam.” **(Vasco)**

- “Este é o livro que eu fiz no nosso projeto. Gostei muito de fazer o livro da Hello Kitty e da Galinha Ruiva. Gostei de fazer a história dos peixinhos. Aprendemos a fazer livros. Fomos à fábrica dos livros e à biblioteca. Na biblioteca vimos os livros nos armários. Havia armários grandes e pequenos. Para fazermos um livro precisamos das capas, das letras, das imagens e de inventar uma história.” **(Luana)**

- “Para fazer um livro precisamos de um título, do nome do escritor e do ilustrador. Também precisamos de uma capa com um desenho. Os livros fazem-se nas fábricas. Temos que abrir devagarinho os livros para não estragar. As capas têm de ser duras.” **(Pedro Freitas)**

- “Aprendemos como construir um livro. É preciso ter uma capa dura, na capa tem de ter um desenho, um título, o nome do escritor e do ilustrador. Precisamos de passar as páginas devagarinho para não rasgar os livros. O livro tem de ter letras, desenhos, folhas, páginas. Fomos à fábrica dos livros, aprender como se fazem os livros. Fizemos livros pequenos com as nossas histórias.

Os livros devem estar nos armários e aprendemos isso quando fomos à biblioteca. Gostei muito do nosso projeto porque aprendi a fazer um livro.” **(Ana Laura)**

-“Aprendi a ver como se fazem livros. Primeiro temos de pensar que livro vamos fazer, depois escrevemos nas folhas, fazemos os desenhos. Temos de fazer a capa, tem de ter um desenho da história, título da fora da capa e temos de escrever o nome do ilustrador e do

escritor. Fomos à gráfica para aprender a fazer um livro.” **(Matilde)**

- “Fomos à biblioteca ver livros de adultos e de crianças. Os livros dos adultos têm letras. Fizemos livros e desenhei a história do meu livro que é do Faísca. Os meninos desenharam a história da Galinha Ruiva. Os meninos não podem rasgar os livros se não ficam sem livros.” **(Sandro)**

- “Aprendemos que para fazer um livro é preciso uma capa, muitos desenhos e de um título.” **(João Pedro Silva)**

- “Para fazer um livro precisamos de uma capa. A capa tem que ter o escritor e o ilustrador. Os livros fazem-se nas fábricas dos livros. Os livros têm páginas. Temos que ver os livros com cuidado para não rasgar. Fomos à biblioteca ver muitos livros.” **(Simão)**

- “ Para fazer livros precisamos de folhas e marcadores para desenhar as imagens. A capa tem o escritor, o ilustrador e o título. Fomos à fábrica das histórias. Os livros dos adultos só têm folhas e letras. Os livros das crianças têm desenhos e letras. A capa tem que ser grossa para não se estragar. O livro da Galinha Ruiva é grande e os meninos pintaram a galinha e os amigos. Eu fiz um livro sobre o Mickey igual ao que eu tenho em casa. Na biblioteca não podemos estragar os livros se não vão para o lixo e não temos histórias.” **(Diego)**

-“Aprendemos a fazer capas dos livros. Aprendemos a fazer os livros e como se fazem as folhas e para isso fomos à fábrica dos livros. Fomos à biblioteca e aprendemos que os livros estão em armários grandes e pequenos. Os livros de adultos e dos meninos mais crescidos estão nos armários altos e os das crianças estão nos armários pequenos. Fizemos gráficos de barras. Para fazermos as imagens dos livros pode ser com pinceis, com marcadores e com lápis de cor.

Para construirmos um livro precisamos de uma capa, na capa tem de ter o título, as imagens, o nome do escritor e do ilustrador. Precisamos de imagens, folhas e letras. Também precisamos de autocolantes como a história da Cinderela. Temos de pensar na história, escrever a história, fazer as ilustrações depois mandar para a fábrica e depois vai para a livraria para os meninos comprarem livros novos.

Aprendemos que não podemos rasgar os livros, temos de passar as folhas fininhas

devagarinho. Gostei do nosso projeto, porque era giro, aprendi a fazer um gráfico de barras, fiz o meu livro da Princesa Ru na Ilha, fizemos o da Galinha Ruiva e do Peixinho.” **(Ana Leonor)**

- “ Para fazer um livro precisamos de letras, de folhas para fazer as páginas. Fomos à biblioteca ver livros de aventuras e dinossauros. Há livros de animais. Os livros dos adultos arrumam-se em cima porque assim os meninos pequeninos não chegam lá. Os livros dos meninos estão em baixo para os meninos lá chegarem. Fomos à fábrica ver as máquinas a mostrar as imagens dos livros. A Sara mostrou livros do Pinóquio e do Génio da Lâmpada.” **(Jénifer)**

- “Aprendemos como se fazem os livros. Precisamos de páginas, de escrever o título na capa, o nome do escritor e do ilustrador, ir à fábrica dos livros ver como se fazem os livros. Temos de pensar na história, tem de ter desenhos. Fomos à biblioteca ver os livros, os livros estão guardados nos armários. A biblioteca tem livros grandes e pequenos para os adultos e para as crianças. Temos de ver os livros com cuidado para não rasgar. Fizemos a história do peixinho.

Gostei de fazer os livros, porque vamos ficar com mais livros na biblioteca.” **(Pedro Silva)**

-“Aprendemos a fazer as capas dos livros e as histórias. Fomos à fábrica dos livros e vimos as máquinas, também fomos à biblioteca ver como se guardam os livros.” **(João Costa)**

- “Para fazer um livro precisamos de um título. Fomos à fábrica ver as máquinas a fazer os livros. Não se pode rasgar os livros porque se estraga e não temos livros. A minha história é do Homem-Aranha.” **(Francisco M.)**

- “ Para fazermos um livro precisamos de folhas, do título, das imagens. Na capa tem de ter um desenho, o nome do escritor e do ilustrador e o título. Fomos à fábrica dos livros ver como fazem os livros. Aprendemos que na biblioteca temos de estar em silêncio e temos de ter cuidado com os livros se não rasgam. Aprendemos que para construir um livro precisamos de ter uma ideia, escrevemos e fazemos desenhos, depois lemos a história. Eu fiz a história da Kitty, gostei de fazer a história porque é fixe a Kitty.” **(Lara)**

- “Fomos à fábrica dos livros para aprender como são as máquinas que fazem os livros. Para fazer um livro temos que pensar numa história. Temos que escrever. Temos que fazer uma

capa que leva letras.” (Leonor D.)

- “Para fazer um livro precisamos de imagens, desenhos. A capa leva o título e o nome dos meninos que escreveram o livro. Eu fiz um livro do Homem-Aranha. Fomos à fábrica ver como se faz os livros.” (Rodrigo)

Depois de as crianças partilharem as aprendizagens e atividades mais significativas de todo o projeto, surgiu a ideia da construção de uma história sobre as várias etapas do projeto para depois dramatizar com imagens. Em pequeno grupo, eu e as crianças pensamos e refletimos no que já tínhamos realizado ao longo de todo o projeto. Posto isto, construímos a história (Anexo VII) com as várias etapas do projeto para depois dramatiza-la.

As crianças exploraram as imagens para o teatro, em pequeno grupo, construíram os fantoches e fizemos alguns ensaios para a dramatização do projeto (figuras 77-79).



Figura 77 – Exploração e colagem das imagens



Figura 78 – Construção dos fantoches



Figura 79 – Finalização dos fantoches e ensaio da história do projeto

Finalizamos o projeto com a dramatização (figuras 80-81) do mesmo e da história da Galinha Ruiva através de fantoches.

As crianças gostaram de fazer a dramatização, mesmo com algumas dificuldades na dicção e representação. Algumas estavam um pouco inquietas antes de irem representar, sentiram um pouco nervosas, tinham medo de se esquecerem do texto.



Figura 80 – Apresentação final



Figura 81 – Apresentação final

Capítulo V – Avaliação do Projeto de Intervenção Pedagógica

Capítulo V – Avaliação do Projeto de Intervenção Pedagógica

Segundo, Pascal e Bertram “as aprendizagens das crianças podem ser avaliadas através do bem-estar emocional, do envolvimento nas atividades e projectos, do respeito por si e pelos outros, das disposições para aprender e do sucesso escolar (2009, p.51).” (Calheiros e Cunha, 2010, p.30).

Assim, no meu ver a avaliação na educação pré-escolar é fundamental e essencial para o educador perceber quais as aprendizagens que as crianças construíram ao longo de uma atividade ou de um projeto, ao longo do tempo.

Para que a avaliação seja o mais adequada possível e faça significado para a pedagogia e seja do interesse do educador e das crianças são necessários indicadores e/ou instrumentos para avaliar as aprendizagens de cada criança e do grupo, por exemplo a documentação pedagógica é uma boa estratégia.

A avaliação é um meio para o educador saber e perceber o que a criança já sabe e do que é capaz de fazer para desenvolver atividades diversificadas de diferentes áreas e domínios do saber, para alargar os horizontes e conhecimentos da criança. Segundo McAfee e Leong, 1997 citados por Parente (2010, p.34),

Avaliação na educação de infância é entendida como o processo de observar, escutar, registar e documentar o que a criança sabe e compreende, as competências que possui, como pensa e aprende, com o objetivo de obter uma imagem rica e abrangente do que a criança sabe e é capaz de fazer, assim como dos seus interesses.

Assim, a avaliação do nosso projeto foi contínua, elaborada à medida que este avançava, através da observação, notas de campo, registos das crianças, fotográficos e audiovisuais, transcrições das mesmas.

Os registos que eu fazia, normalmente, chegava a casa e analisava-os, interpretava-os para saber quais as aprendizagens que as crianças tinham construído e para saber qual o rumo a seguir, isto é, quais as atividades a propor de forma a progredir e a construir aprendizagens do interesse das crianças. A documentação pedagógica teve um papel preponderante e fundamental, pois fez com que eu refletisse bastante sobre as conceções e aprendizagens das crianças, da forma como elas evoluíam à medida que o projeto se desenvolvia. É muito importante expormos as realizações das crianças, para que elas, os pais e nós possamos ter

consciência das aprendizagens construídas e também de modo a partilhar o trabalho que esta a ser feito no âmbito do trabalho de projeto. Neste sentido é curioso ouvir e observar as crianças a chamarem pelos pais, *“anda ver o trabalho que fiz hoje”, “fomos à gráfica mãe, eu estou aqui mais o João a ver as máquinas a fazer livros”, “gostas do livro que fiz da história da hello kitty?”, “este desenho é da biblioteca, tem lá muitos livros, para crianças pequenas e para crianças grandes”* é de facto, para nós muito gratificante perceber que as crianças gostaram e estiveram interessadas e dedicadas nas atividades que desenvolvemos com elas e que lhes foi significativas, pois relatam aos pais com bastante entusiasmo.

As reflexões semanais também foram uma mais-valia para a avaliação do projeto, semanalmente, interrogava-me se os objetivos das atividades desenvolvidas foram alcançados, se não tinham o que deveria fazer para que isso mudasse. As crianças gostam de ser estimuladas e desafiadas, mas para isso é necessário muita reflexão por parte do educador, pois devemos pensar e planificar bem as atividades que propomos para que tenham um impacto significativo nas crianças.

Este grupo foi um verdadeiro desafio para mim, pois existem crianças difíceis de acatarmos, parece que nada lhes faz “sentido” e nada lhes interessa. Mesmo assim não desisti e tentei diversificar as atividades que propunha ao grupo de forma a construírem aprendizagens significativas e funcionais.

Em todo o projeto tentei proporcionar às crianças várias atividades que articulasse diferentes áreas e domínios de conteúdo como a área do conhecimento do mundo, formação pessoal e social e a área de expressão e comunicação. É natural que desse mais ênfase a umas áreas do que outras, pois tinha de as relacionar com o que estava a desenvolver no projeto com as crianças. Quando exploramos a história do “João e o Pé de Feijão” foram as próprias crianças que sugeriram que fizéssemos também um feijoeiro mágico como acontecia na história, nesta atividade por exemplo, podemos perceber que existiu uma articulação com diferentes áreas, nomeadamente, a área do conhecimento do mundo. *“Aprendemos a fazer um feijoeiro mágico”, “colocamos três feijões no frasco, com um bocado de algodão e deitamos água”, “temos de deitar água se não os feijões não crescem e depois morrem”*, estas são algumas falas/comentários das crianças nas atividades em que nós conseguimos perceber que elas construíram algumas aprendizagens.

No final do projeto fiquei muito feliz com os resultados obtidos, pois as crianças empenharam-se, resolveram problemas, foram investigadores autónomos, onde respeitavam a opinião dos outros, souberam partilhar as suas aprendizagens, colaborar e trabalhar em grupo. A questão do projeto surgiu do interesse delas daí estarem mais motivadas, prontas a saber e a descobrir mais sobre como construir um livro. É de realçar as visitas de estudos *“Sara quando vamos à fábrica dos livros? Quero aprender como se faz um livro.”*, *“podemos ir outra vez à biblioteca para conhecer mais livros?”*, as crianças saem do seu ambiente para conhecer uma realidade, algo novo e, de certa forma, suscita-lhes mais interesse.

Sinto-me satisfeita com o projeto que colaborativamente desenvolvi com estas crianças, porque tenho a certeza que foi algo único, inesquecível e construtivo para elas, *“Aprendemos como se fazem os livros. Gostei de fazer os livros, porque vamos ficar com mais livros na biblioteca”* (Pedro Silva), *“Gostei de fazer livros e de aprender como se fazem os livros porque depois podemos ler na biblioteca”* (Vasco), *“Gostei do nosso projeto, porque era giro, aprendi a fazer um gráfico de barras, fiz o meu livro da Princesa Ru na Ilha, fizemos o da Galinha Ruiva e do Peixinho.”* (Ana Leonor), *“Gostei do nosso projeto porque fizemos muitas histórias. Fizemos a da Galinha Ruiva, a do Peixinho e a minha dos Gormitti.”* (Gabriel). A minha certeza sustenta-se na observação do envolvimento das crianças nas atividades, na escuta das suas falas, nas observações das suas produções e realizações, ou seja, na documentação pedagógica realizada ao longo do trabalho de projeto.

Capítulo VI – Considerações Finais

Capítulo VI – Considerações Finais

Este capítulo vai-se centrar de uma forma global e reflexiva em toda a minha prática em contexto, o que aprendi, quais as dificuldades que senti e o que poderei mudar enquanto futura profissional.

Quando comecei o estágio sentia-me um pouco perdida e confusa, sabia que tinha de desenvolver um projeto com as crianças, do interesse delas, mas não sabia como, pois “atormetava-me” o facto de não ser capaz de identificar uma questão das crianças.

Assim, observei durante algum tempo o grupo, quais os interesses das crianças, o que gostavam mais de fazer, o que eu queria mesmo era conhecer e interagir com cada uma criança desde o momento que entrei dentro da sala até ao final de cada dia de dedicação e trabalho para elas. Queria ser capaz de observar e escutar as crianças, planificar tendo em conta os seus interesses e que as crianças ficassem fascinadas e construíssem novos conhecimentos com as minhas intervenções e com a minha presença.

Aprendi que cada uma é diferente à sua maneira e merecem toda a nossa atenção, dedicação, carinho e empenho. São crianças afáveis que gostam que estejamos envolvidas no que elas estão a realizar, seja um registo escrito, uma brincadeira, gostam sobretudo que estejamos atentos aos sinais delas.

Segundo as Orientações Curriculares (1997, p.25),

Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades.

Senti algumas dificuldades na planificação de atividades antes de surgir o projeto, mas devo agradecer imenso à educadora cooperante pelos conselhos e pelas ajudas, não me deixou desistir, incentivou-me a melhorar a minha forma de ser e de estar, de organizar e planificar melhorar o que eu pretendia.

Com a ajuda da educadora consegui perceber que devemos ser mais reflexivas e organizadas nas ideias, atividades que pretendemos desenvolver com as crianças, quais os objetivos e construções queremos que as crianças adquiram.

A partir do momento que surge a questão do projeto também me torno numa estagiária mais dinâmico, ativo, empenhado, investigador e reflexivo, pois quero proporcionar às crianças aprendizagens significativas.

A prática reflexiva revela-se essencial nas práticas de um educador, nas atitudes a ter em conta, na mudança, no aperfeiçoamento, se não refletirmos na nossa ação esquecemo-nos de quem somos e qual o papel importante que temos no crescimento das crianças, pois somos estímulos para elas. Assim, é fundamental estarmos conscientes do que propomos e fazemos com as crianças e para as crianças, nós somos os modelos delas, tanto na forma como estamos, nas verbalizações que fazemos, etc.

Os educadores são agentes educativos, mediadores no ensino-aprendizagem das crianças. Com este projeto as crianças tornaram-se mais ativas, dinâmicas e construtoras do seu próprio conhecimento. Este grupo não tinha experiência na metodologia de trabalho de projeto, por isso tive de investir um pouco mais nesse campo, na área da investigação, do questionamento para construir conhecimentos significativos.

“Independentemente do tópico, o trabalho de projecto desenvolve determinados tipos de conhecimentos, capacidades, predisposições e sentimentos importantes” (Katz e Chard, 1997, p.191), isto é, torna as crianças mais atentas e perspicazes nas suas ações presentes e futuras.

No decorrer do projeto senti-me à vontade com as crianças parecia que já estava com elas há imenso tempo, que os meus objetivos e interesses eram os mesmos que os delas. Brincar livremente com elas na sala, estar num ambiente mais descontraído é importante para ganharmos a total confiança das crianças, para posteriormente desenvolvermos atividades com as crianças de uma forma mais tranquila, em que as crianças não tenham medo ou vergonha de expressar os seus sentimentos ou opiniões.

Com a educadora da sala percebi o quanto é importante os momentos de trabalho em pequeno grupo, pois o grupo não dispersa tanto, está totalmente dedicado e integrado no que está a realizar.

“As actividades proporcionam às crianças uma ocasião para observarem, para reconstruírem aspectos do ambiente e para praticarem a descoberta de coisas” (Katz e Chard,

1997, p.192). Nestes momentos a criança está com outro olhar sobre o que a rodeia e sabe quando deve adotar outra postura.

É de salientar todo o meu crescimento enquanto pessoa e profissional com este estágio, pois só na prática é que aprendemos e vivenciamos intensamente momentos mágicos e enriquecedores junta das crianças.

Muitos educadores têm em mente que nós, apenas devemos proporcionar momentos de aprendizagem às crianças e não refletem que elas também nos “ensinam” muito a nós.

Desta forma, acho que a prática em contexto educacional torna-se desafiante, motivadora e empreendedora para qualquer profissional que tencione trabalhar e impulsionar o processo de pesquisa e reflexão nas crianças e em si próprio, adotar a metodologia de investigação-ação para melhorar as suas práticas.

Ao longo deste relatório fui refletindo um pouco sobre o projeto que desenvolvi com as crianças. No entanto, nunca é demais realçar que este projeto foi desafiador e interessante na minha prática educativa, pois envolveu um grande processo de pesquisa e construção de conhecimentos. Atrevo-me a dizer que foi um projeto impulsionador, que decorreu da melhor forma. É claro que podemos sempre aperfeiçoar, melhorar ou até mesmo mudar algumas atividade ou então “inserir” outras de modo a que se tornasse ainda mais preciso e completo.

Nunca me vou esquecer deste momento importante na minha vida, pois marcou-me de uma forma positiva e profunda.

Em suma, acho que cada vez mais sinto vontade de proporcionar momentos de aprendizagem para este grupo de crianças que requerem muita atenção e carinho. Com ele aprendi que todas as atividades que propomos devem ser contextualizadas e significativas para as crianças e que na maior parte das vezes o que “resulta” para uns não “resulta” para outros, pois os níveis de aprendizagem e os interesses são diferentes e variam de criança para criança.

As crianças são maravilhosas e fantásticas, fazem descobertas e constroem significados no seu dia-a-dia ao contactarem com os objetos, com os pares e com o mundo. São estas descobertas e tudo que as envolve que me fascina e me dá um enorme prazer poder mediar todo este processo de ensino-aprendizagem junto delas, que me deixa orgulhosa e repleta de alegria.

Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas

- Bin, A. C. (2012). *Concepções de conhecimento e currículo em W. Kilpatrick e implicações do método de projetos*. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação
- Branco, M. L. (2011). *O Sentido da Educação Democrática: Revisitando o conceito de experiência educativa em John Dewey*. Universidade da Beira Interior. Covilhã
- Coutinho, C. (2008). Métodos de Investigação em Educação. Universidade do Minho. Recuperado em 10, de abril, de 2015 em <http://faadsaze.com.sapo.pt/indice.htm>
- Coutinho, Sousa, Dias, Bessa, Ferreira, Vieira & Regina. (2009). *Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas*. Editora: Colégio Internato dos Carvalhos.
- Cunha, V. (2002). *John Dewey: uma filosofia para educadores em sala de aula*. 4ª edição-Petrópolis, Editora Vozes.
- Dahlberg, Moss & Pence. (2003). *Qualidade na Educação da Primeira Infância: perspectivas pós-modernas*. Editora: ARTMED.
- Departamento da Educação Básica - Núcleo de Educação Pré-Escolar (1997). *Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Direção do Departamento de Educação Básica.
- Dewey, J. (1971). *Experiência e Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional
- Dewey, J. (1978). *Vida e Educação*. Edições Melhoramentos
- Dewey, J. (2002). *A Escola e a Sociedade e A Criança e o Currículo*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Dewey, J. (2008). *O desenvolvimento do Pragmatismo Americano*. Cognitio-estudos: Revista Eletrônica de Filosofia, v.5, n.2. São Paulo: PUC-SP. p.119-132.
- Fernandes, A. M. (2006). *Projeto Ser Mais: Educação para a Sexualidade Online*. Faculdade de Ciências. Universidade do Porto (p. 69-78)

Hohmann, M., Banet, B., & Weikart, D. P. (1992). *A criança em Acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2009). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2011). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hoyuelos, A. (2006). *La estética en el pensamiento y obra pedagógica de Loris Malaguzzi*. Temas de infância: educar de 0 a 6 años. Editorial: Octaedro.

Katz, L. Chard, S. (1997). *A Abordagem de Projecto na Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Kilpatrick, W. (2006). *O Método de Projecto*. Viseu: Livraria Pretexto Editora. Edições Pedagogo

Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação* (Coleção Infância, nº13). Porto: Porto Editora

Moreira, M., A. (31 de março de 2014). *A Investigação-Ação na Formação Inicial de Professores*. Seminário em Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Universidade do Minho.

Oliveira-Formosinho, J. (2007). Pedagogia (s) da Infância: Reconstruindo uma Práxis de Participação. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância* (pp.43-92). Porto: Porto Editora.

Oliveira-Formosinho, J. (2007). A contextualização do Modelo Curricular High Scope no âmbito do Projeto Infância. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância* (pp.43-92). Porto: Porto Editora.

Oliveira-Formosinho, J. & Araújo, S.B. (2008). Escutar as vozes das crianças como meio de (re)construção de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *A Escola vista pelas crianças* (pp.11-30). Porto: Porto Editora.

Oliveira-Formosinho, J. & Azevedo, A. (2008). A documentação da aprendizagem: a voz das crianças. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *A Escola vista pelas crianças* (pp.11-30). Porto: Porto Editora.

Oliveira-Formosinho, J. & Formosinho, J. (2011) Pedagogia-em-Participação: a perspectiva da Associação Criança. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *O espaço e o tempo na Pedagogia-em-Participação* (pp.97-117). Porto: Porto Editora.

Parente, C. (2010). Avaliação: observar e escutar as aprendizagens das crianças. *Cadernos de Educação de Infância*, 89, 34-37.

Silva, M. I. R. L. (1998). Noção de Projeto. In Katz, L., Ruivo, J. B., Silva, M. I. R. L., & Vasconcelos, T. (org.) *Qualidade e Projeto na Educação Pré- Escola*. Lisboa: Ministério da Educação.

Vasconcelos, T. (1998). Das Perplexidades em torno de um hamster. In Katz, L., Ruivo, J. B., Silva, M. I. R. L., & Vasconcelos, T. (org.) *Qualidade e Projeto na Educação Pré- Escola*. Lisboa: Ministério da Educação.

Vasconcelos, T., et al. (2013). *Trabalho por Projetos na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens, Integrar Metodologias*. Ministério de Educação - Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Lisboa.

Anexos

Anexo I - Rotina Diária

Início ☺	Momento da Rotina
Das 7:30h às 9:15h	Componente de apoio á família/ Acolhimento das crianças.
8: 45h	Suplemento alimentar.
9: 15h	Acolhimento na sala e atividade em grande grupo.
10h	- Atividade em pequeno grupo (4 grupos de crianças que se seguem uns aos outros); - Brincadeiras espontâneas nas áreas (crianças que não estão no trabalho de pequeno grupo).
11: 45h	Arrumo da sala e Momento de Higiene.
12h	Atividade em grande grupo.
12:30h	Almoço.
13:10h	Momento de higiene.
13:30h	Sesta.
14:45h	Despertar/ momento de higiene.
16:15h	Lanche.
16:30h	Momento de higiene.
16: 50h	Brincadeiras nas áreas.
A partir das 17:15h	Componente de apoio á família.
18:20h	Suplemento alimentar.
Até às 19:30h	Saída das crianças.



1ª Fase



Surge o tema - *“Como construir um livro?”* através de uma conversa sobre o que devemos fazer na biblioteca. Posto isto, o interesse do grupo é construir um livro para a biblioteca da sala.

Como vamos descobrir respostas para a nossa questão?

Respostas das Crianças

Inquérito aos pais.

Perguntar ao senhor
Gentil.

Visita a uma fábrica dos
livros.



Anexo III – Inquérito realizado pelas crianças para os pais

Inquérito para o Projeto “Como Construir um Livro?”

(Perguntas elaboradas pelas crianças)

Como é que se fazem os livros?

R: _____

_____.

Quem é que faz as letras dos livros?

R: _____.

Quem é que faz as imagens?

R: _____.

Onde é a fábrica dos livros?

R: _____.

Onde se compram as capas grossas dos livros?

R: _____.

As máquinas das fábricas dos livros fazem as imagens?































































R: _____.

Como se colam as folhas dos livros?

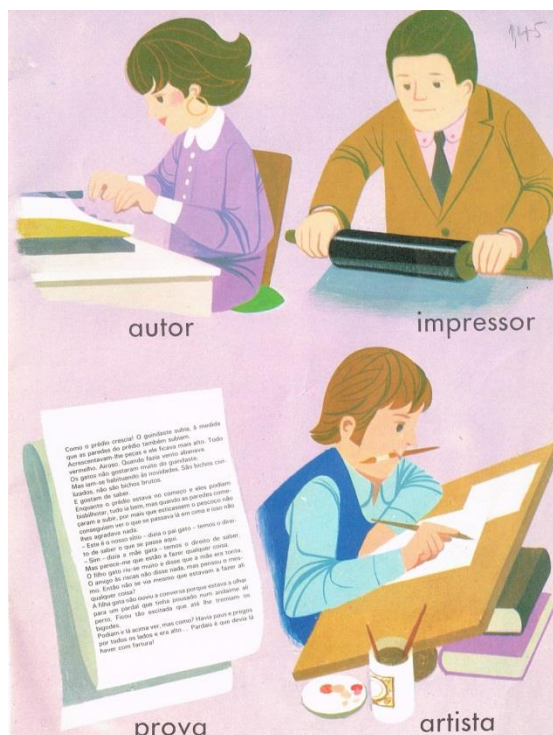
R: _____
_____.

Anexo IV – Tabela – Contagem dos dados

Análise dos Dados “O Que Já Sabemos”

Materiais	Número de Crianças
Páginas	   
Imagens/Desenhos/Bonecos	             
Ler o livro/Contar história/Ler	   
Folhas/Papel	        
Escrever	  
Marcadores	
Pincéis	
Lápis	
Letras	         
Meninos e Meninas/Pai, Mãe e Filho	 
Coração	
Capa	
Caixas/Sítio para colocar os livros	 
Relva	
Tesoura	
Pintar	
Desenhar um Dinossauro	
Cola	
Fita Cola	 
Autocolantes	
Mostrar aos amigos depois de estar feito	

Anexo V – Exploração do livro “O Livro”



O autor escreve uma história.

2



O artista faz os desenhos.

8

Anexo VI – Criação da história “O Peixinho”

História “O Peixinho”

Era uma vez um peixinho que gostava muito de beber água no mar. O peixinho vivia no fundo do mar junto de outros animais marinhos. Um dia estava a brincar com os seus amigos caranguejos, apareceu um tubarão e come-os.

De repente, a mamã do peixinho e a mamã dos caranguejos apareceram e salvaram o peixinho e os seus amigos do tubarão. Depois, chegaram uns cavalos-marinhos gigantes, assustaram o tubarão e caíram os seus dentes. Mas vieram uns caranguejos, amigos do tubarão e meteram-lhe os dentes na boca.

No dia seguinte os caranguejos, a cobra e o peixinho mataram o tubarão.

Os peixinhos foram para a escola, sentaram-se na sua mesa, fizeram uma pintura e aprenderam a ler e a escrever.

Terminadas as aulas foram para casa brincar com os seus amigos caranguejos. Pelo caminho viram outros peixes, polvos, golfinhos, tartarugas, cavalos-marinhos, cachalotes, estrelas do mar, conchas brancas, castanhas e roxas.

No final do dia estavam cansados e foram dormir.

Quando acordaram foram nadar e brincar para o rio com a mãe. Chegaram ao rio, viram muitos peixes na água, começaram logo a nadar para o fundo do rio e encontraram um tesouro.

Era uma caixa com muitas moedas de chocolate. Foram logo para casa com o tesouro, comeram algumas moedas de chocolate e guardaram o resto no frigorífico.

Depois foram passear para o fundo do mar e encontraram outro tesouro, com moedas de ouro numa caixa branca.

A mãe teve de levar o tesouro para casa, porque era muito pesado. Os peixinhos e a mãe guardaram o tesouro debaixo da cama e foram jogar à bola.

Quando terminaram de jogar à bola, viram um golfinho e perguntaram-lhe quem deixou lá o tesouro. O golfinho disse-lhes que tinha sido um salva vidas. Então foram à procura dele na praia, mas estava lá tanta gente que o peixinho e os seus amigos não o encontraram.

Como não estavam a encontrar o salva vidas pegaram nuns binóculos grandes e conseguiram ver onde ele estava. Foram ter com ele e perguntaram:

- Salva vidas porque é que deixas-te o tesouro no fundo do mar?

- Encontrei este tesouro e guardei-o no fundo do mar para ninguém o descobrir. Disse o salva vidas aos peixinhos.

- E como conseguiste nadar até lá? Questionaram os peixinhos.

- Tinha uns óculos, umas barbatanas e um tubo para nadar até lá, depois encontrei um sítio especial e deixei-o lá. Uma vez que vocês encontraram o tesouro podem ficar com ele, mas têm de ter muito cuidado para não o perderem e esconda num sítio mais seguro. Acrescentou o salva vidas.

Os peixinhos regressaram a casa, encontraram uma caixa maior para o tesouro, meteram-no lá dentro, fecharam com uma chave e guardaram-no debaixo da casa deles, num sítio secreto.

No fim foram jantar todos juntos. De seguida foram para o quarto dormir. O papá chegou muito tarde a casa do trabalho, mas passou pelo quarto deles para lhes dar um beijinho de boa noite.

FIM

Anexo VII – Criação da História do Projeto

História do projeto

Era uma vez um grupo de crianças que gostavam muito de brincar na biblioteca da sua sala na escola. Às vezes portavam-se mal na biblioteca e atiravam os livros para o chão, os livros ficavam todos rasgados.

As professoras dos meninos conversaram com eles sobre as regras da biblioteca e sobre como deveriam ter cuidado com os livros. Os meninos disseram que tinham poucos livros na biblioteca e que estavam cheios de fita-cola por causa de estarem todos rasgados. Gostavam de ter livros novos e também livros iguais aos que as professoras traziam de casa para mostrar aos meninos.

Os meninos e as professoras conversaram muito sobre os livros e os meninos quiseram saber “Como se constrói um livro?” para também eles poderem fazer livros novos para a biblioteca da sala. As professoras mostraram-lhes muitos livros diferentes, livros de crianças e livros de adultos e também viram muitas capas diferentes. Para ajudar a descobrir como se constroem os livros, os meninos pensaram em perguntas para fazerem aos pais.

Os meninos aprenderam que para fazer um livro é preciso alguém ter uma ideia sobre a história que quer escrever e também é preciso alguém para ilustrar o livro.

Os meninos foram de camioneta à fábrica dos livros para ver como as máquinas faziam os livros.

Num outro dia foram à biblioteca de outra escola ouvir uma história e ver como os livros estão arrumados nas prateleiras.

Na sala os meninos conversaram sobre as histórias que queriam fazer e como todos queriam fazer histórias diferentes, as professoras ajudaram cada menino a construir a sua história.

Depois os meninos pensaram numa história feita por todos para colocar na biblioteca. Como queriam ter uma história igual à da professora, escolheram fazer “A galinha ruiva”.

Quando acabaram essa história, fizeram também outra história inventada por todos os meninos, cada criança contou um bocadinho da história e no fim escolheram o título “O peixinho”. Todos os meninos trabalharam muito a fazer as ilustrações da “Galinha ruiva” e da história “O peixinho” e depois todos ficaram muito contentes por poderem ler essas histórias na biblioteca da sala.

FIM